



Editorial

2006

Encerra-se mais um ano de nossa administração à frente do Clube de Aeronáutica.

Iniciamos esta jornada, há algum tempo, em um momento muito difícil e cheio de desafios. Houve instantes muito penosos, quando a perspectiva da derrota nos rondava continuamente e nos levava aos limites do desespero.

O objetivo sempre foi o de preservar a integridade do nome da agremiação. Era uma questão de honra!

Para essa luta, nos entregamos de corpo e alma, com a firme determinação de manter viva esta tradicional entidade, cujo valor e importância residem, muito mais, no seu nome e tradições do que no patrimônio, acervo ou benefícios de lazer que possa oferecer aos seus associados.

Este é o ponto que desejo destacar para estimular a adesão de novos associados ao nosso Clube, tendo em vista a importância de que se possa dispor, em âmbito nacional, de uma entidade que confira forte representatividade social a nossa coletividade.

Deste século em diante, nenhuma micro-sociedade conseguirá sobreviver sem que disponha de uma voz coletiva uníssona para lutar pelos seus direitos, no âmbito da sociedade em que vive.

É por isso que exorto a todos para trabalharem com afinco no sentido da ampliação do nosso Quadro Social.

Oficiais da Aeronáutica, em todos os rincões do País, venham fortalecer o nosso grupo. **JUNTOS, SEREMOS FORTES. DIVIDIDOS, NOS SOBRARÃO SOMENTE AS MIGALHAS DO QUE JÁ FOI DISTRIBUÍDO!**

Quanto à situação atual da agremiação, é com es-

pecial júbilo que proclamamos que o Clube de Aeronáutica está, finalmente, vivendo um bom momento.

As três sedes – Social, Barra e Lacustre – estão crescendo e funcionam com normalidade, em todos os seus departamentos, e se encontram em plena atividade de modernização. As contas são superavitárias, incluindo razoável disponibilidade de aplicações financeiras.

E o principal: seu patrimônio e a personalidade jurídica do nome **CLUBE DE AERONÁUTICA**, estão plenamente preservados.

Esta, a grande vitória!

Cabe aqui o destaque do incondicional apoio que sempre recebemos dos colegas fardados, sem exceção.

Os grandes artífices de tudo isto, entretanto, foram os meus amigos de trabalho; dos vice-presidentes aos mais modestos funcionários. São todos uns heróis lutadores, que, na maioria das vezes, sacrificam saúde e interesses particulares para ajudar a coletividade a que pertencem.

Muito obrigado! Sem a lealdade, a compreensão e a paciência de vocês, nada teria sido feito.

A este final, com a alegria dos vencedores, todos, dirigentes e auxiliares do Clube de Aeronáutica, desejamos a cada um dos dignos componentes de nosso Quadro Social e aos seus entes queridos, um Natal alegre, seguido por um Novo Ano pleno de saúde e realizações.

Que Deus continue a nos beneficiar com suas bênçãos! ■

*Ten.-Brig.-do-Ar Ivan Frota
Presidente*

Editorial**1**

2006-2007

Ten.-Brig.-do-Ar Ivan Frota

3**Nota do Editor**

Araken Hipólito da Costa - Cel.-Av.

Clube de Aeronáutica**4**

Vitória, enfim!

Ten.-Brig.-do-Ar Carlos de Almeida Baptista

Clube de AeronáuticaUma Noite de Esplendor
na Barra – Baile do AviadorComemoração da Semana da Asa
– Sessão SoleneDiplomação do Curso de
Introdução à Filosofia Política

Grupos de Estudos

Vôo Cultural

Memória**10**Armamento Aéreo Brasileiro
Anterior a 1941 – Metralhadoras

Ten.-Brig.-do-Ar Fernando de Assis Martins Costa

14**Depoimento**Castelo Branco e o
Pensamento Político Brasileiro

Brig.-do-Ar Tarso Magnus da Cunha Frota

Em Debate**16**

O Triste Espetáculo da Estupidez

Luís Mauro - Cel.-Av.

19**Homenagem**Memorial Fuzileiros Navais Mortos
em Combate

A Redação

Fatos e Gente**20**

Missão SAR em SBAA

Alex Augusto Mendes Corrêa - Cel.-Av.

24**Política
Internacional**

Coréia do Norte: Pesadelo para os EUA

Manuel Cambeses Júnior - Cel.-Av.

Rótulos e Mídia**26**

Terrorismo/Terroristas: um Ensaio

Carlos Arlindo Rondon - Cel.-Av.

29**Nossa História**

Recordando a Intentona Comunista

Carlos Ilich Santos Azambuja - Historiador

Enfoque**30**

Nekume

Samuel Schneider Netto - Cel.-Av.

34**Mensagem**

Autoridade e Liberdade

Severo Hryniewicz - Professor de Filosofia da Faculdade João Paulo II

Fato Real**36**

Imprevidência: Acidente

Maj.-Brig.-do-Ar Othon Chouin Monteiro

38**In Memoriam**

Meu Amigo Joel Miranda

Joaquim Dário d'Óliveira - Cel.-Av.

Medicina e Saúde**40**

Mau Hábito: uma Abordagem Objetiva

Maj.-Brig.-Med. Dr. Ricardo Luiz G. Germano

42**Recordação**

Um Conto de Natal

Ten.-Brig.-do-Ar Sergio Pedro Bambini

**Poema do
Comportamento****44**

Jardim: o Regaço das Flores

Anna Guasque - Escritora

46**Exemplos Vividos**

Turma Agora Vai

Walter Miglorância Filho - Cel.-Int.

Humor**47**

Lambida de Onça

Jonas Alves Corrêa - Cel.-Av.

48**Charge**

Ivo Batalha - Cel.-Av.

Revista  **aeronáutica**nov./dez. 2006 **259**

revista@caer.org.br

revista@caer.org.br

Presidente:

Ten.-Brig.-do-Ar Ivan Moacyr da Frota

1º Vice-Presidente:

Maj.-Brig.-do-Ar Márcio Callafange

2º Vice-Presidente:

Brig.do-Ar Cezar de Barros Perlingeiro

3º Vice-Presidente:

Brig.-Eng. Edison Martins

DEPARTAMENTOS:

Jurídico:

Dr. Francisco Rodrigues da Fonseca

Social:

Ten.-Cel.-Int. José Pinto Cabral

Cultural:

Cel.-Av. Araken Hipólito da Costa

Administrativo:

Cel.-Av. Nylson de Queiroz Gardel

Financeiro:

Cel.-Int. Marco Antônio Pereira Nogueira

Patrimonial:

Cap.-Adm. Ivan Alves Moreira

Aerodesportivo:

Ten.-Cel.-Int. José Augusto Santana de Oliveira

Desportivo:

Ten.-Cel. Odyr Eduardo Lapa Coutinho

Beneficente:

Cel.-Av. Nylson de Queiroz Gardel

Assessoria de Comunicação Social:

Cel.-Av. Luís Mauro Ferreira Gomes

Assessoria de Informática:

Cel.-Av. Luís Mauro Ferreira Gomes

SUPERINTENDÊNCIAS:

Sede Social:

Brig.-do-Ar Cezar de Barros Perlingeiro

Sede da Barra da Tijuca:

Brig.-Eng. Edison Martins

Sede Lacustre:

1º Ten. Sebastião José Ferreira

Secretaria Geral:

Cap.-Adm. Ivan Alves Moreira

CHICAER:

Ten.-Brig.-do-Ar Ivan Moacyr da Frota

Endereço:

Praça Marechal Âncora, 15 - Rio de Janeiro - RJ
CEP 20021-200 • Tel: (21) 2210-3212 • Fax: 2220-8444

Expediente do CAER:

Dias: 3ª a 6ª feira • Horário: 9h às 12h e de 13h às 17h

Sede da Barra da Tijuca: (21) 3325-2681

Sede Lacustre: (24) 2662-1049

Presidente do Conselho Deliberativo

Ten.-Brig.-do Ar Carlos de Almeida Baptista

Presidente do Conselho Fiscal

Brig.-Int. Helio Gonçalves

Revista do Clube de Aeronáutica:

Tel./Fax: (21) 2220-3691

Diretor:

Cel.-Av. Araken Hipólito da Costa

Jornalista Responsável:

J. Marcos Montebello

Gerente de Produção Editorial e Design Gráfico:

Rosana Guter Nogueira

Colaboração Editoração Eletrônica:

Kátia Regina Fonseca

Produção Gráfica:

Luiz Ludgerio Pereira da Silva

Revisão:

Dirce Brízida

Secretária de Redação:

Luciene Ribeiro



Nota do Editor

Araken Hipólito da Costa - Cel.-Av.

Segundo o Dr. Francisco Martins de Souza, no seu Curso de Filosofia Política, os quatro pilares fundamentais da civilização ocidental são a lei mosaica, o Cristianismo, o Direito Romano e o modelo familiar germânico.

Reconhecidamente, a moral cristã provocou uma renovação na Humanidade. No Império Romano, as leis civis permitiam o aborto, o infanticídio e a venda dos filhos. A mulher, no paganismo, era vilipendiada pela poligamia, pelo adultério, pelo divórcio e pela prepotência do marido. O Cristianismo reformou esses costumes. Reconhecendo a dignidade da mulher, transformou-a em companheira e conselheira, destinada a compartilhar as responsabilidades do lar e a educação dos filhos. A moral cristã rejeitou o aborto, condenou o infanticídio e proibiu a venda de filhos, bem como declarou o matrimônio uno e indissolúvel, e enalteceu o valor da prole.

Conforme D. Estêvão Bettencourt, OSB, no opúsculo “*Na História da Igreja: luzes e sombras*”, é possível observar o influxo do Cristianismo sobre a sociedade civil. A tirania e o despotismo foram condenados, a autoridade foi reconhecida dentro dos justos limites e o homem aprendeu que é livre do destino, livre para viver segundo a sua consciência. O Cristianismo também formulou os princípios de igualdade e fraternidade, e repudiou as discriminações baseadas em raça, sexo, prepotência, política e nacionalidade.

A organização familiar tem um valor preponderante na formação de uma sociedade. No pensamento de Silvio Romero está exposto que “*uma sociedade vale pelo que vale nela a família*”. O autor apresenta a seguinte divisão: de um lado está a família particularista, de outro, a família comunitária. A partir dessa divisão, é possível compreender questões de organização social, política e econômica. As famílias particularistas, a exemplo dos povos do norte da Europa, teriam um maior senso de liberdade e, portanto, menos dependência do grupo familiar quando seus componentes atingem a juventude e buscam a cidadania. Assim, tornam-se também menos dependentes dos governos e do próprio Estado. De outra parte, a sociedade de formação comunitária, clânica, patriarcal, do velho tronco latino, é sempre dependente dos poderes do Estado.

Do exposto, constatamos a importância da moral cristã na constituição da família, a fim de direcionar a sociedade.

O mundo moderno, marcado por pragmatismo, pelo relativismo, pelo materialismo e pela ausência de religiosidade, provoca a desagregação familiar e, sobretudo, a inversão dos valores morais e éticos, permitindo o surgimento de ideologias como o nazismo e o comunismo, que foram responsáveis pelos maiores massacres de que se tem notícia na História da Humanidade.

Neste período da proximidade do Natal, nossos pensamentos se voltam para o nascimento de Jesus Cristo, “*O Verbo que se fez carne e habitou entre nós*” (Jo 1,1), que nos mostrou o caminho, a verdade e a vida. Uma reflexão sobre o significado do Natal permite ordenar o sentido da vida, da família e, por conseguinte, da sociedade ■

Ten.-Brig.-do-Ar Carlos
de Almeida Baptista

Vitória,

Chega ao final o sofrido processo de insolvência da nossa associação.

Cumpro o dever de dirigir-me ao Quadro Social para propagar o início de uma nova e próspera era para o Clube de Aeronáutica. Apelo pela volta dos que se afastaram; chamo a oficialidade para integrar-se a esta entidade que entendo ser representativa da classe. Não tenho dúvidas sobre o quanto se empenha o Comandante da Aeronáutica, ontem, hoje e sempre, na defesa dos nossos interesses – ativos, inativos ou pensionistas – junto às autoridades superiores, especialmente junto ao Ministério da Defesa e ao Presidente da República. Se bastasse isso, no entanto, não precisariam os operários e trabalhadores de sindicatos, tampouco os variados segmentos sociais, de empregadores ou empregados, de suas entidades representativas de classe. Bastaria confiar no Ministério do Trabalho.

Não vejam, nesta comparação, qualquer idéia de que os Clubes Militares deverão ser encarados como sindicatos. Queira Deus a lei jamais o permita!

Somos gente diferente, no tecido social. Nenhum outro segmento jura defender valores – tão sofridos para nós – com o sacrifício da própria vida.

Cabe, especialmente, aos Clubes Militares, pugnar pelo atendimento dos legítimos anseios de seus associados, realizando o que os Comandantes, por dificuldades naturais do cargo, encontrem dificuldades em deter; além do conagração social

e outras finalidades como descritas no Estatuto.

Confesso que ao assumir, pela primeira vez, a Presidência do Conselho Deliberativo, logo após deixar o Comando da Aeronáutica, me enfrentei com a possibilidade de, a curto prazo, nossa associação deixar de figurar entre os irmãos, Clubes Naval e Militar.

Angustiava-me, a cada mês, perceber que a estratégia adotada pela administração anterior não obtinha êxito.

Finalmente, elegemos, em março de 2004, o Ten.-Brig. Ivan Moacir da Frota, que viria a resgatar o Clube da difícil situação em que se encontrava. Um pouco mais de dois anos de intensa labuta!

Dirijo-me ao Quadro Social, nesta oportunidade, para agradecer em nome do Conselho Deliberativo que presidi, a partir de 2003, pelo incansável trabalho realizado, fruto do qual nos libertamos do fantasma da liquidação judicial.

Ele costuma repartir o seu sucesso com muita gente, fruto de sua modéstia. Estou aqui para não deixar que o faça. Conheço-o desde 1949, integrante da primeira turma da EPCAR. Já o testemunhei vencendo muitos desafios, tendo-o, até, chamado, carinhosamente, de Dom Quixote. Em algumas oportunidades, como esta, tenho agido apenas como Sancho Pança, carregando a sua lança. Admito que reparta alguns louros com os integrantes da sua administração, em especial com sua valorosa assessoria jurídica.

Desde o primeiro momento, vi-o traumatizado, pela possibilidade de, pela primeira vez, não superar um obs-

táculo, praticamente intransponível, colocado a sua frente. Jamais o vi pronto a entregar os pontos. É a característica que norteou sempre a sua conduta, ao longo de tantos anos de dedicação à Aeronáutica, desta vez a entidade congregadora da nossa oficialidade.

Precisaria de muitas páginas desta Revista para fazer justiça ao nosso Presidente, Brig. Frota. Vou deixar que os ventos levem aos associados as notícias da sua atuação, resultando no momento atual, em que o Clube, novamente, se projeta para um cenário altamente promissor.

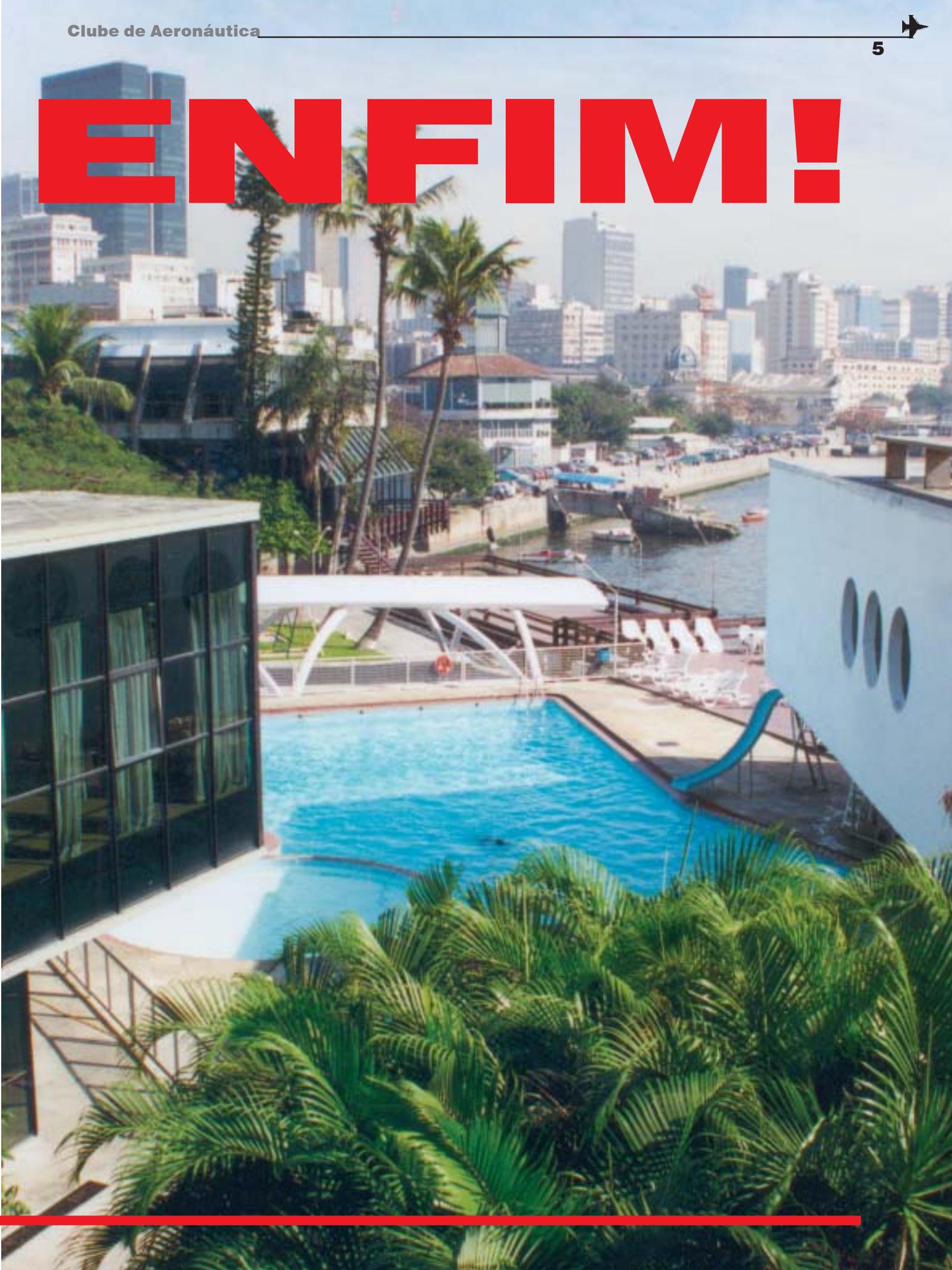
Admito ainda que o Presidente do Clube de Aeronáutica reparta a glória com os funcionários que o sustentaram, com o atraso e até a eventual diminuição de seus salários, por amor ao Clube e pela confiança na sua férrea vontade de vencer.

Faço questão de registrar a permanente presença da sua esposa Eliene, testemunha do que talvez tenha sido a mais difícil missão do seu marido guerreiro.

Parabéns, Brigadeiro Frota. Tendo resgatado a associação de situação tão adversa, mantendo praticamente incólume o seu patrimônio e respeitando o seu nome, não terá dificuldades em implantar suas idéias, já gostosamente articuladas, para o futuro da Sede Social e das sedes Campestre e Lacustre. Os associados ficarão encantados com a realização dos planos que tem em mente. Continue contando conosco, além de conselheiros, sem mais, sinceros admiradores ■



EN FIM!



Uma Noite de Esplendor na Barra Baile do Aviador



Fotos Prallon

Realizou-se, por iniciativa do III COMAR, no dia 21 de outubro de 2006, na Sede da Barra do Clube de Aeronáutica, o Baile do Aviador, o qual utilizou, como tema, a frase de Santos-Dumont “O HOMEM HÁ DE VOAR”.

Com inspirada decoração, desde a via de acesso ao Clube, que contou com balizamento caracterizando-se como uma pista de pouso, até à super montagem de uma importante estrutura, com vários ambientes temáticos, reportava-se ao espírito da Aviação.

O Salão Nobre da Sede foi utilizado como um salão de estar, enquanto o baile propriamente dito foi realizado em outra pista e num palco especialmente criado no entorno do Salão, animado pela Orquestra Tupy.

Ao mesmo tempo, funcionava uma discoteca, cujo som era controlado para não interagir com o da orquestra.

No deck, havia “lounges”, alguns sob umbrelones, com decoração e petiscos nacionais e internacionais – Bahia, França e Japão.

O buffet do concessionário do Clube de Aeronáutica – Sabor & Festa – foi do agrado do público presente, servindo salgados, crepes e mini-comidinhas.

A recepção dos convidados foi ao som de violinos.

O ator Henri Lalli caracterizou Santos-Dumont, no evento.

A programação iniciou-se com a leitura da Ordem do Dia, seguida do sorteio de duas passagens ida-e-volta a Paris.

Fogos de artifício iluminaram o céu sobre a festa logo após o canto do Hino do Aviador, à meia-noite.

O sucesso do Baile do Aviador foi total!

Um bistrô denominado 14-bis, com decoração francesa, serviu, após o evento, café expresso acrescido de cremes.

As damas receberam uma rosa branca na saída ■



Comemoração da Semana da Asa

Sessão Solene

Em comemoração, não só à Semana da Asa, mas, também, ao Centenário do 1º voo do mais-pesado-que-o-ar, o 14-bis, de Santos-Dumont, foi realizada, no Salão Nobre – Salão Marechal Ivo Borges, na Sede Social do Clube de Aeronáutica, no dia 20 de outubro de 2006, às 20h, a Sessão Solene relativa a ambos os eventos cívicos.

Após a constituição da Mesa, o Tenente-Brigadeiro Ivan Frota procedeu à Abertura do notável acontecimento, proferindo uma breve explicação alusiva ao evento.

O numeroso público presente, dentre os quais, muitos oficiais-generais da Ativa e da Reserva e demais oficiais e associados do CAER, perfilou-se para cantar o *Hino Nacional Brasileiro*.

Seguindo-se a esse Solene momento de civismo, o Coronel Aviador Ivan Janvrot de Miranda expôs uma biografia do nosso mito e gênio Alberto Santos-



Fotos Jocimar Pequeno

Dumont, concomitante com a exibição de DVD, em telão, sobre os vãos do inventor do avião, o *Pai da Aviação*.

No vibrante encerramento, como vinheta imprescindível, foi cantado, por todos, o *Hino do Aviador* ■



Diplomação do Curso de



O Curso Livre de Introdução à Filosofia Política, ministrado pelo Professor Dr. Francisco Martins de Souza, o qual tem contado com a seleta presença de oficiais-generais, demais oficiais das três Forças Armadas, civis e associados, tendo sido iniciado em 1º de junho de 2006, encerrou o seu ciclo anual com um total de 27 aulas, em 30 de novembro de 2006, com a diplomação de 18 alunos, que encerraram, brilhantemente o Curso que retornará no início de 2007.

Está prevista, ainda, a realização de outros Cursos, os quais abordarão os temas: História da Arte, História da Filosofia e História da Música ■

Grupos de Estudos

Neste interregno do Curso, o Departamento Cultural constituiu dois Grupos de Estudos para tratarem dos importantes temas: 1) Reforma Política; e 2) Soberania Nacional e Força Aérea Brasileira.

No primeiro tema, o Brig. Carvalho Netto (Coordenador do Grupo) definiu que o mesmo abordará as seguintes questões: Financiamento Público de Campanhas; Votação Proporcional em Lista Fechada; Proposta de Redução da Cláusula de Barreiras; Federações Partidárias; Proibição de Coligações em Eleições Proporcionais; Fidelidade Partidária; Verticalização nas Eleições Majoritárias; Parlamentarismo; Voto Distrital; e Voto Obrigatório.

Quanto ao segundo, o Brig. Cunha Frota (Coordenador do Grupo) definiu

que abordará: **Concepções da Soberania** – Mundo Arcaico; Mundo Clássico; Mundo Medieval; Declaração de Virgínia; Revolução Francesa; Dinâmica Brasileira. **Atualidade** – Amazônia; Fronteiras; Índios; Plataforma Continental; Petróleo, Gás e Biodiesel; Água Potável; Como entender a Soberania Pátria e Posição Militar.

Durante o período de dezembro de 2006 a janeiro e fevereiro de 2007, os Grupos reunir-se-ão todas as quintas-feiras, das 10h às 14h.

Objetivos:

- ◆ Estudar temas do interesse nacional e da Família Aeronáutica, a fim de fundamentar o ideário do Clube de Aeronáutica;

- ◆ Proporcionar aos associados do

Clube de Aeronáutica e aos membros de diversos segmentos da sociedade um aprofundamento contínuo na área do conhecimento, para aproveitar a experiência e o saber acumulados ao longo da vida;

- ◆ Divulgar o ideário do Clube de Aeronáutica na mídia, a fim de tornar público o pensamento elaborado, como resultado do estudo dirigido, e contribuir para a integração e o desenvolvimento da sociedade brasileira.

Ao longo de 2007, serão entrevistadas diversas personalidades do Poder Legislativo, para esclarecimentos a respeito dos assuntos em pauta.

Todos os associados do CAER poderão participar dessas reuniões dos Grupos de Estudos ■

Introdução à Filosofia Política



Almte. Antônio Carlos Amendoeira • Brig.-do-Ar Tarso Magnus da Cunha Frota • Cap. Fragata Walter Arnaud Mascarenhas • Ten.-Cel. (CD) Jesse Ribeiro da Silva • Cel.-Av. José Luiz Dias de Oliveira • Cel.-Av. Luís Mauro Ferreira Gomes • Cel.-Av. Luiz Fernando Póvoas da Silva • Cel.-Av. Tacarijú

Thomé de Paula Filho • Cel.-Ex. Frederico José Bergamo de Andrade • Cel.-Ex. Joselauro Justa de Almeida Simões • Cel.-Int. Celestino C. Wanderley Neto • Cel.-Dent. José A. de Castro • Cel. José Augusto Carneiro • Cel. Lourival de Castro Saraiva • Clarindo dos Santos • CMG Newton Lemos de Azeredo

• Eduardo Weaver de V. Barros • Fernando Bicudo • João Victorino • Lucy Castilho da Silva • Maj.-Brig.-do-Ar Umberto de C. Carvalho Netto • Maj.-Brig.-do-Ar Luiz Antônio Cruz • Mirabeau de Seixas da Costa Porto • Ralph Miguel Zerkowski • Ten.-Brig.-do-Ar Pedro Ivo Seixas ■

A Palestra proferida em 26 de outubro pelo eminente Membro da Academia Brasileira de Filosofia e Pesquisador associado do Instituto de Estudos Avançados da USP, FRANCISCO ANTÔNIO DORIA proporcionou aos presentes no evento uma visão, não só panorâmica, bem como, rica em detalhes sobre a vida e as obras do nosso gênio Alberto Santos-Dumont.

Em abordagem filosófica, conseguiu transmitir, com perfeição, a inserção do nosso patrocínio no Pensamento Científico muito além das possibilidades existentes à época. Futurísticamente, Santos-Dumont mudou o tempo no qual poucos recursos ferramentais existiam, num célebre desenvolvimento, que redundou no tempo aeroespacial.

O Departamento Cultural resolveu



encerrar o ciclo de 2006, considerando que esta Palestra, tendo sido

assunto de total interesse, fechou o ano com “Chave de Ouro” ■

Armamento Aéreo Brasileiro

Anterior a 1941

*Ten.-Brig.-do-Ar Fernando
de Assis Martins Costa*

METRALHADORAS

O advento da utilização de aviões sobre as zonas de combate durante a Primeira Guerra Mundial, o próprio instinto de defesa e a determinação no cumprimento das missões de observação do que ocorria no terreno inimigo levaram à utilização de armas na luta aérea. Primeiramente, eram apenas rifles usados pelos observadores na nacele traseira e, logo em seguida, com a colocação, de modo rudimentar, das armas automáticas usadas pelos exércitos de terra. Ao terminar o conflito mundial já existiam sistemas de tiro frontal sincronizado, atirando através do plano da hélice e torres com montagem de duas metralhadoras com visores de tiro fazendo a compensação para o vento relativo.

No Brasil, a primeira aeronave armada com metralhadoras foi o hidroplano Curtiss HS-2L, adquirido pela Marinha do Brasil, em 1918, armado com uma metralhadora **Lewis** numa nacele, na proa da aeronave. Essa arma, de fabricação inglesa, foi projetada nos Estados Unidos por um oficial da *US Army*, mas fabricada na Inglaterra a partir de 1914 pela firma *Birmingham Small Arms Company Limited*. Era alimentada por um tambor

com 97 cartuchos dispostos em duas camadas, tinha a cadência de tiro de 550 tiros por minuto e alcance de apenas 1.700m. Para ser usada em aviões, o sistema de arrefecimento por água da versão terrestre foi retirado. Apresentava uma inacreditável variedade de panes e maus funcionamentos, além de seu grande peso – 11,8kg. A empunhadura era na horizontal e o tambor montado sobre a arma. O calibre .303” era o padrão das armas automáticas terrestres e o cartucho tinha, como peculiaridade, a forma cônica bem acentuada para facilitar a extração dele, da câmara. Essa arma também estava instalada nos seguintes aviões da Marinha do Brasil: Curtiss F-5L, Farman F-51 e no avião Handley Page S.E. 5A. Nesse último, a arma estava numa instalação curiosa: o montante Foster colocava a arma sobre o plano superior e era muito difícil seu remuniamento, tendo o piloto de abaixar a arma, remuniá-la e recolocá-la em posição de tiro. Isto em altitude, durante um confronto e num avião de cabine aberta, era considerado um esforço sobre-humano, obrigando o piloto, muitas vezes, a baixar o nível de vôo para poder reali-

Metralhadora Lewis





Metralhadora Vickers



mentar a arma. Na Aviação Militar, os aviões Breguet 19 A2/B2 tinham duas metralhadoras Lewis num suporte para uso na nacele traseira e outra no assoalho, para tiro para baixo e para trás. O avião Potez 25 T.O.E. também usava duas metralhadoras Lewis conjugadas numa torre, na nacele traseira do tipo T. 07, que compensava, com elásticos (“sandows”) de borracha, o peso da arma.

Outra metralhadora usada antes de 1941, no Brasil, foi a **Vickers**, também no calibre .303”. Estava instalada nos aviões da Aviação Naval Ansaldo SVA-10 adquiridos em 1923 e, já sincronizadas e montadas sobre a fuselagem, nos aviões Sopwith 7F.1 “Snipe” e Fairey Gordon. Na Aviação do Exército,

estava montada como arma de tiro frontal nos aviões Breguet A2/B2, SPAD 7 C1, Potez 25 A2, Wibault 73C1, Caudron 140, Potez T.O.E., Avro 626 e Nieuport Delage 72 C1. A metralhadora Vickers era uma evolução da metralhadora Maxim, produzida na Inglaterra pela firma *Vickers Sons and Maxim*, posteriormente *Vickers Armstrong* e entrou em produção, em 1916. Também era um arma pesada – 10kg – e a cadência de tiro era de 450 tiros por minuto. Apresentava muitos incidentes de tiro, mas era admirada por seus utilizadores. Com o uso do sincronizador hidráulico Constantinesco CC Fire Control, tornou-se o mais letal dos armamentos aéreos da época.

A metralhadora **Darne**, de fabricação francesa, foi usada em vários aviões da Aviação Militar. Foi fabricada pela firma *R. et P. Darne et Cie*, Saint-Etienne, ou na Espanha, pela firma *Unceta y Compania Guernica*. Tinha alta cadência de fogo, até 1.500 tiros por minuto e, entre 1918 e 1931, o Brasil comprou 150 dessas armas. Era uma das mais baratas armas da época, custando, em 1931, apenas US\$31.00, mas também uma das mais mal acabadas. Documentos do Exército, de junho de 1927, citam a compra de 48 armas para a Aviação, sendo 12 sincronizadas, a Fr. 7.600 cada; 24 para torre, com suporte duplo e mais 12 para tiro ventral na fuselagem, essas últimas a Fr. 5.700 cada. Uma compra seguinte, em abril de 1931, foi de duas metralhadoras sincronizadas a Fr. 9.700 cada e uma metralhadora ventral a Fr. 7.600. Podia ser alimentada por fitas de pano, fita de elos metálicos e por tambores de munição, estes com capacidade para 200 até 500 cartuchos no calibre 7mm. Consta ter sido instalada nos seguintes aviões da Aviação Militar: na nacele traseira dos Potez 25 A2 e T.O.E., nos Caudron C. 140, nos Amiot 122 Bp 3 e nos Lioré et Olivier 25 Bn 4.

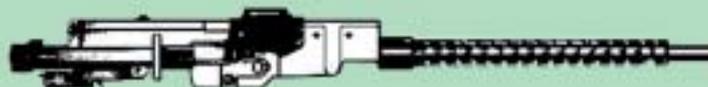
A metralhadora **Breda**, de origem italiana, estava instalada em apenas uma única aeronave: o biplano trimotor Caproni Ca 45, doado pelo Governo Italiano,

Metralhadora Darne



em 1920, à Aviação Militar e que tinha duas dessas armas de calibre não identificado. Uma delas estava numa pequena nacele na proa do avião e outra, numa plataforma elevada para o metralhador que, atrás da nacele do piloto e voltado para trás, ficava totalmente exposto ao vento. Usava carregadores metálicos. Segundo documento existente na Biblioteca Nacional, na época, a Breda fabricava sob licença a metralhadora Ravelli Modelo 1914, no calibre 6,5mm, refrigerada a ar, adaptada de uma metralhadora terrestre refrigerada a água. Essa metralhadora pesava cerca de 9kg, tinha a cadência de fogo de 500 tiros por minuto e os cartuchos tinham de ser lubrificadas ao entrarem na câmara com óleo, que era armazenado em um depósito acima do cano.

Metralhadora Breda



Metralhadora Rheinmettal MG 15 Borsig



Os aviões Focke Wulf 52B comprados pela Marinha do Brasil, em 1938, eram armados com uma metralhadora **Rheinmettal MG 15 Borsig**, de calibre 7,92mm no posto do bombardeador e, outra, em torre aberta na parte superior do avião. Os carregadores eram do tipo “*se/a*”, de 75 cartuchos, que permitiam uma rápida troca deles com apenas uma das mãos, havendo uma previsão de seis deles em cada posição. As armas tinham a cadência de fogo de 750 a 1.000 disparos por minuto. Uma curiosidade da sua munição traçante, totalmente importada da Alemanha, era que o traço inicial era na cor verde até 600m, passando para vermelho até ao final da trajetória de 1.000m.

As metralhadoras americanas tiveram largo uso antes de 1941 na Aviação Militar brasileira. Foram encontrados registros de vários modelos e calibres que equiparam vasta gama de aeronaves. Os modelos conhecidos são:

– **Colt Browning calibre 7mm**

Sobre essa designação genérica, existem muitas referências à sua instalação em aviões brasileiros, mas sem confirmação em documentos do fabricante de que se tratava de um modelo específico nesse calibre. Na compra dos aviões NA-72 pelo Ministério da Guerra, consta na fábrica North American o pedido de armas nos calibres “.30” e calibre 7mm.

– **Colt Browning Light Aircraft Machine Gun MG40, calibre 7mm**

Há registro de seu uso nos aviões Boeing 256/267 (F4-B4), nos Corsair V-65 e nos Waco CTO. Existiu no Brasil em dois modelos: o Fixo, para instalação nas asas, e o Flexível, para o Observador ou Metralhador. O Modelo Flexível tinha empunhadura

dupla e gatilho na mão. A Fixa podia ser sincronizada. Sua cadência de tiro era de 1.200 tiros por minuto e pesava 9,07kg. Os elos metálicos e os cofres de munição foram fabricados no Brasil a partir de 1939 e 1942, respectivamente.

– **Colt Browning Aircraft Machine Gun M2, calibre .30”**

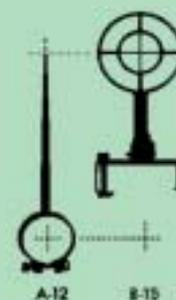
Este modelo substituiu o Modelo MG40. Os aviões NA-46 da Aviação Naval tinham uma na asa direita, outra sincronizada no capô do avião, e uma Flexível na nacele traseira. Na Aviação Militar, foram usadas nos aviões Curtiss O-1E “*Falcon*”, uma fixa e duas em torre na nacele traseira; nos aviões Waco CSO e nos aviões Vultee V11GB-2, sendo duas nas asas, uma ventral e outra dorsal. Nos aviões NA-72 eram três: uma em cada asa e outra na nacele traseira. Tinha a cadência de tiro de 1.350 tiros por minuto, podia ser alimentada pelos dois lados da arma, pesava cerca de 9,7kg e media um metro de comprimento total.

– **Colt Browning Aircraft Machine Gun MG53, calibre .50”**

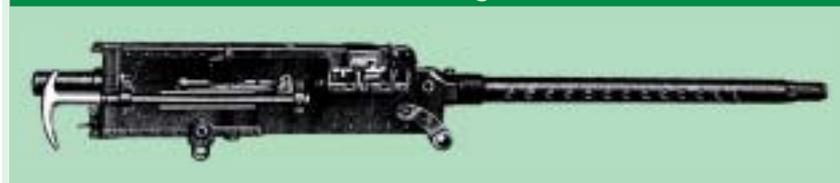
Nos aviões Vultee V11GB-2 adquiridos pelo Ministério do Exército, em 1938, vieram as primeiras armas aéreas desse calibre. A cadência de tiro era entre 400 a 650 tiros por minuto, podendo receber um sincronizador elétrico. Seu peso completo era de 23,4kg e tinha alimentação diferenciada conforme o lado (“*esquerdo*” ou “*direito*”) da instalação.

Como informado anteriormente, as armas eram instaladas fixas à estrutura dos aviões ou móveis em suas aberturas, permitindo a um Observador ou Metralhador executar o tiro de defesa. Algumas dessas armas móveis contavam com um simples compensador de visada para o vento relativo. Nas armas fixas à estrutura, o uso de sincroniza-

Visores Metálicos



Metralhadora Colt Browning L. A. M. Gun MG40





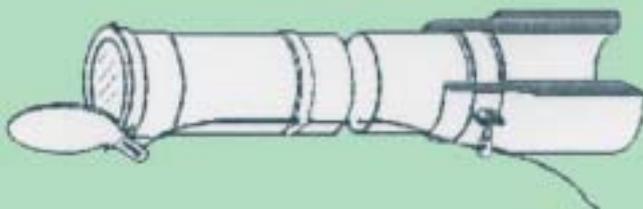
Metralhadora Colt Browning A. M. Gun MG53



dor permitiu que elas fossem colocadas bem à frente do piloto, facilitando de muito o tiro em combate aéreo. Mas algumas aeronaves antigas tinham armas fixas instaladas bem afastadas da fuselagem como nos aviões Handley Page S.E.2 que tinha a arma sobre o plano superior, Fairey Gordon, e o avião Stearman A-76 C3, cuja arma estava instalada no lado direito da asa inferior, de modo a atirarem por fora do plano da hélice.

Para a pontaria, pelos pilotos, existiam os visores metálicos, compostos de um escantilhão normalmente mais próximo ao piloto e uma massa de mira montada sobre o capô do avião. Essa instalação era a mais comum e duraram muitos anos até o surgimento dos visores tubulares (genericamente denominados “*peep-sight*”). O modelo **Aldis** usava uma lente com o escantilhão gravado, permitindo avaliar a distância do avião-alvo e apontar o avião para lá. Alguns tinham uma capa para a lente dianteira, a fim de evitar seu embaçamento pelo óleo proveniente do motor. Foi instalado a partir do avião S.E.5A, em 1916, e daí em diante sofreu várias modernizações, como a colocação de borracha macia na parte posterior para proteção dos olhos do piloto e a possibilidade de ajuste longitudinal de dentro da nacele. Os modelos C-3 Cretien que constam das especificações de várias aeronaves usadas no Brasil são variações do modelo Aldis original, como nos aviões Breguet 19 A2/B2, Potez 25 T.O.E., Vought Corsair V-65B, Vought Corsair V-66B, Boeing F4B4 e Stearman A-76 C3.

Modelo Aldis



Torre T.O.7



Para as armas de defesa, a evolução passou das simples montagens de uma arma sobre um pivô a torres comandadas manualmente com duas armas e mais sofisticados sistemas de compensação do peso da arma, por meio de tiras de elástico (“*sandows*”) como nos aviões Breguet 19 e Potez 25 e T.O.E., que usaram a **Torre T.O.7** e sistemas de pontaria com compensação na massa de mira para o vento relativo, aumentando um pouco a precisão do tiro aéreo. Existe o registro da compra de 18 Torres T.O.7 na França, em 1939, pelo Ministério da Guerra do Brasil, no *Établissement René Gobart*, Paris, a Fr.2.950 cada uma.

A constante evolução da tecnologia levou, posteriormente, o armamento defensivo dos aviões a usarem torres com duas e até quatro metralhadoras, com acionamento elétrico e sistemas de pontaria óticos realmente eficientes. Mas as equipagens que enfrentaram situações reais de combate aéreo com os equipamentos aqui descritos deviam ser consideradas “*tripulantes acima da média*”, por enfrentarem os riscos do combate usando armamento tão ineficiente pelos padrões modernos ■



Nos dias atuais, em que as atividades institucionais são por demais comentadas, não faltando aos brasileiros sérias preocupações com os caminhos da República, chegam à nossa memória palavras de Castelo Branco a um grupo de oficiais das Forças Armadas, antes de sua investidura como Chefe da Nação, fato que permite vislumbrar, no grande brasileiro um estadista, voltado para princípios constitucionais, evidenciando na sua personalidade características de uma vocação CASTRENSE-LIBERAL.

As estórias que se seguem demandam de afirmações do general, ao tempo em que comandou o IV Exército, e proferiu suas palavras na Região Militar, em Fortaleza, Ceará.

Como era tradicional, a oficialidade das Forças Armadas foi convidada a assistir a uma palestra, no Quartel-General, dentro do Programa de Instrução Regional. Em atenção ao convite, os oficiais da FAB compareceram ao auditório, onde o saudoso general foi o Conferencista. Já conhecíamos aspectos profissionais

*Brig.-do-Ar
Tarso Magnus da
Cunha Frota*

Castelo e o Pensamento Político Brasileiro



da atuação de Castelo, que, em exercícios de “*operação conjunta*”, era sempre presente. Acompanhando as manobras nos mínimos detalhes, discutia aqueles ligados às Missões Aéreas com muita precisão, deixando atônitos aviadores e demais oficiais com sua elevada capacidade profissional, que na verdade, já tinha sido testada na Campanha da Itália, onde, como sabemos, fez parte do Estado-Maior da Força Expedicionária. O tema da exposição oral a que iríamos assistir era o seguinte: DESTINAÇÃO CONSTITUCIONAL DAS FORÇAS ARMADAS.

No sumário que nos foi apresentado, ressaltavam-se dois itens:

DEFENDER AS INSTITUIÇÕES DEMOCRÁTICAS e GARANTIR A APLICAÇÃO DA LEI.

Na pauta de sua apresentação, após a introdução, Castelo deteve-se, por um período relativamente grande, no trato da Constituição e da Democracia. Na explanação, podia-se observar um espírito liberal, vinculado a princípios democráticos, afirmando sempre que: a Carta Magna era a “*Bíblia Cívica da Nação*”.

Fazendo referência aos artigos da Constituição de 1946 que interessavam às Forças Armadas, comentou que cabia ao soldado brasileiro garantir o território, os Poderes, a Lei e a Ordem. Não faltou a Castelo uma análise filosófica da Democracia, dissertando no campo do liberalismo, do Constitucionalismo, da federação e da teoria geral do Estado com muita maestria. Nas suas assertivas não faltaram citações de Hobbes, Tomás de Aquino, Montesquieu, Rousseau, Machado Paupério, Kennedy e outros. Castelo não tinha a preocupação com as definições léxicas e, como Orwell, afirmou que a linguagem política não era sincera. Havia uma honestidade de propósitos com a aceitação dos fatos políticos reais, respaldados por uma linguagem clara, ordenada, correta e simples. No todo, tomou-se evidente que Castelo era um estudioso da Ciência Política.

Quase ao final da alocução, afirmou que a Democracia era o fator decisivo da paz social, enfocando, ainda, que os Direitos Fundamentais do homem seriam os responsáveis pelo equilíbrio social e pelo próprio funcionamento das instituições. No correr dos anos, guardei minhas anotações das palavras de Castelo em 1963, pouco antes do Movimento de 64. Sempre imaginei que essas posições, postas a público numa fase que se apresentou muito conturbada, nos levaria a um raciocínio analítico no campo da História, que gostaríamos de aventar.

Assim, Castelo se somou a muitos outros militares que se alinharam a um Pensamento Político, buscando, com patriotismo e dignidade, ajudar na condução institucional da vida da Nação. Talvez soe estranho que soldados possam exercer um tipo de influência no todo político da nacionalidade. A modesta e opinativa consideração que buscamos comentar nesta matéria traz a lume à permanente e contínua atividade dos nossos soldados no correr da História, que, reconhecidamente, se tornaram marcas incontestes na vida pública da Nação.

Posto assim, há que se comentar o Tenentismo, época marcante na década de vinte, quando o idealismo de jovens oficiais possibilitou uma preocupação com o mais “*justo e democrático*”. Para os “*meninos-tenentes*”, a República, se afastava, cada vez mais, dos sonhos de Rousseau, Montesquieu e da realidade dos “*peregrinos*”, na América do Norte. Urgia uma ação no Campo Político, na busca do aperfeiçoamento da máquina pública. Nesse contexto, assistimos a movimentos de 30 e 32, que traziam, na sua essência, o espírito do Tenentismo. Castelo é um “*tenentista típico*”, fato este comprovado na condução do Estado, como o primeiro presidente do Período Revolucionário; não há que se negar a forte influência Castelista, dimensionada, também, pela Doutrina da Escola Superior de Guerra, sendo não só um

dos seus criadores, como também o grande “*Intellectual Castrense*” da importantíssima ESG, símbolo do “*pensamento político*” no período dos Governos Militares. Ouso afirmar, neste modesto trabalho “*Castro-Político*”, que a “*Dinâmica Histórica do Pensamento Político Brasileiro*” começou a aflorar na Guerra do Paraguai, com a revolta dos comandantes das Unidades e oficiais de Estado-Maior, que regressaram da hostilidade “*republicanos convictos*”, como é por demais comentado por grandes figuras da vida nacional, “*in casu*”, o Positivista Coronel Benjamin Constant, Mestre e Líder na antiga Escola Militar da Praia Vermelha, onde, além de professor e instrutor de Táticas, era um republicano ardoroso, seguidor do Positivismo de Augusto Comte, tão em moda na intelectualidade e, peremptoriamente, no meio militar. A República de Deodoro e Floriano nasceu nos sonhos dos Soldados, dos Positivistas, dos Republicanos e de uma modesta parcela de estudiosos “*Rousseanos*”, que sentiam a Revolução Francesa como uma verdade cívica, necessária e importante na condução de um pensamento que se fazia imperioso às nações civilizadas. Considerando esse enfoque, Castelo é a essência dos SONHOS REPUBLICANOS dos EXPEDICIONÁRIOS do PARAGUAI, da formação POSITIVISTA da PRAIA VERMELHA, dos IDEAIS TENENTISTAS da década de vinte, dos REVOLUCIONÁRIOS de 30 e 32, da DERROCADA IMPOSTA ao GETULISMO, do MOVIMENTO de 64, da DOCTRINA ESG e, como GÊNESE final das idéias aqui desenvolvidas, a firmação que sempre aventamos:

O PENSAMENTO POLÍTICO BRASILEIRO faz parte, no âmbito do seu calendário, da vida pública da Nação brasileira, podendo afirmar-se que os eventos aqui arrolados são o grande testemunho da tese que defendemos.

É CASTRENSE A FORMAÇÃO POLÍTICA DA NACIONALIDADE! ■

Luís Mauro
Cel.-Av.

O Triste Espetáculo

Reeleito o presidente, encerra-se, com este texto, a série de artigos, sobre os desmandos do primeiro mandato petista, que iniciei em agosto de 2003.

Se fiz críticas duras, não foi por motivação partidária, uma vez que não me identifico com nenhuma das correntes políticas relevantes na atual conjuntura brasileira. Não sou comunista nem socialista, tampouco comungo com os ideais do neoliberalis-

mo. Menos ainda, participo do acordo existente entre essas ideologias, para nos escravizar por uma ditadura de esquerda, submissa aos grandes capitais internacionais.

Sou um brasileiro patriota que acredita em que nós, e somente nós, deve-

mos decidir o nosso destino e resolver os nossos problemas, e que não se vende à Rússia, à China, a Cuba, aos Estados Unidos, ou a qualquer outra nação



da Estupidez

estrangeira, como não se vendeu, no passado, à extinta União Soviética.

Também não aceito a globalização nos termos em que nos está sendo imposta.

Como bem pode ver o leitor, quem pensa, sente e age assim foi completamente isolado pelas forças dominantes e não vem tendo alternativa eleitoral, senão optar pelo *menos pior*, como costumam dizer.

Nestas últimas eleições, porém, a minha opção

pelo Alckmin foi muito facilitada, porquanto, apesar de não termos convicções ideológicas absolutamente iguais, ele pertence a uma nova geração e, se não foi um revolucionário autêntico, pelo menos não foi terrorista nem falso exilado. Além disso, trata-se de um político educado, de discurso bastante equilibrado, que se revelou, durante a campanha, muito bem preparado para o exercício do cargo de Presidente.

Ao contrário, o outro candidato representava a negação de tudo aquilo em que eu creio.

Não obstante, nunca foi minha intenção mudar, com os

meus escritos, os votos favoráveis a Luiz Inácio da Silva, o Lula, cujos eleitores sequer os entenderiam. O que eu verdadeiramente pretendia era manter acesa a chama das pessoas ideologicamente afins comigo, para que não se deixassem abater, diante da evolução desfavorável dos acontecimentos.

Penso haver falhado nesse intento, pois o desânimo entre as pessoas de bem que conheço aumentava, à medida que os institutos de pesquisa inflavam a vantagem do candidato à reeleição, sem que eu as conseguisse convencer plenamente das manipulações dolosas dos dados. E o desalento é o prenúncio da desistência. Desistência da luta, desistência da vida.

Uma única coisa deveríamos ter aprendido com os nossos oponentes. A perseverança.

Eles não desistem nunca. Qualquer pessoa que tivesse um pouco de dignidade que fosse, uma vez flagrada nos escândalos que envolve-

Escultura de
RON MUECK
Mask II,
77 x 118 x 85cm,
2001-2



ram esse Governo, teria renunciado ou, talvez, cometido o suicídio. Mas quem gosta tanto de se comparar a Getúlio Vargas parece preferir imitá-lo, como ditador, a repeti-lo, como estadista.

Além de insistentes, eles se revelaram muito convincentes, também. Assim foi que conseguiram persuadir, por duas vezes, grande número de eleitores ingênuos. Assim foi que induziram a coordenação de campanha do adversário a poupá-los, com a lorota de que *o eleitor não queria sangue nem baixaria, e quem batesse ou apelasse perderia*. Também a convenceram de que somente se deveriam discutir os programas de Governo e apresentar as realizações dos candidatos. Assuntos como corrupção, moral e ética deveriam *ficar de fora*.

Mas eles mesmos não fizeram nada do que pregavam. Bateram, mentiram, praticaram todas as baixarias possíveis e discutiram ética, sim. A ética *fajuta* dos corruptos. *Vocês querem discutir ética? Pois vamos discutir ética! Nunca antes neste País, combateu-se tanto a corrupção! Ninguém tem moral para falar de ética comigo!* Lembra-se? Quanta mentira, quanta baboseira, quanta demagogia barata!

O que estava em jogo não eram os programas de governo nem as obras que cada um fez no passado, mas as visões ideológicas dos dois candidatos. Era preciso mostrar o perigo que um deles representava. Era preciso desmontar essa imagem de salvador místico que os *marqueteiros* criaram, e que o carisma pessoal do presidente ajudou a manter.

Vencidas as eleições, e mesmo um pouco antes disso, os governistas já começavam a *ensinar* o que a oposição deveria fazer. Como sempre, criaram frases de efeito e a mídia se encar-

regou de transformá-las em verdades absolutas.

Vejam só estas pérolas repetidas à exaustão, com pequenas variações, por quase todos os integrantes da tropa de choque do presidente: *Assistimos a um grande espetáculo da democracia; O Brasil continua, é preciso desarmar os ânimos; Não há espaço para terceiro turno*.

E há, ainda, as ameaças explícitas de convulsionar o País, caso a Justiça Eleitoral venha a identificar crime ou vício na campanha da reeleição. Disso, eles entendem bem. Já convulsionaram o País antes e o farão outra vez, se o deixarmos.

Ora, voltemos à realidade! Que espetáculo da democracia? O que vimos foi o triste espetáculo da estupidez. Triste, como o *espetacular* crescimento de dois por cento ao ano.

Mas não faltará quem procure os mais variados, ultrapassados e vazios pretextos para aderir aos vencedores, em troca das migalhas caídas ao chão dos poderosos de plantão. Assim, já começamos a ouvir, novamente, velhos bordões como: *Não faremos oposição ao Brasil; Faremos uma oposição responsável; Não somos golpistas, daremos governabilidade aos eleitos*.

Quanta bobagem! Desde quando, deve-se dar governabilidade a bandidos? E, desde quando, punir crimes eleitorais é golpe? Como bem disse o presidente do Tribunal Superior Eleitoral, a Constituição submete a todos.

Até quando, os eleitores brasileiros verão os políticos que mereceram seus votos, mas perderam as eleições, aderirem, despidoradamente, àqueles contra os quais votaram? Realmente, é muita falta de vergonha!

Enquanto isso continuar, permanecerá essa salada ideológica temperada pelos interesses individuais, que somente serve aos corruptos e aos verdadeiros golpistas.

Dar governabilidade é função de cor-religionários, ou de cúmplices, no caso presente.

Quando as autoridades governamentais são as primeiras a descumprir as Leis, são as primeiras a violentar a Constituição e são as primeiras a corromperem e a se corromperem, mais do que uma opção, é um dever da oposição e de todos os cidadãos sérios, honestos e patriotas usar todas as armas disponíveis, para devolver o País à normalidade e resgatar a dignidade nacional.

Aos que aderiram ao inimigo por oportunismo ou por qualquer outro motivo e, hoje, estão comemorando deslumbrados, advirto-os de que, quando não mais úteis forem, serão impiedosamente descartados, como sói acontecer nesses casos. A prudência recomenda que não destruam o porto seguro onde poderão atracar amanhã, depois de abatidos, para curar os ferimentos, no seio dos verdadeiros amigos.

Encerro, pois, essa série de artigos com a convicção de que *o Brasil tem jeito, sim*, mas é preciso, livrá-lo, antes, do grupo de irresponsáveis que o querem destruir a todo custo, para que os nossos filhos e os nossos netos possam, em liberdade, usufruir o legado maravilhoso que os nossos antepassados nos deixaram.

Lembremo-nos, permanentemente, do juramento que, um dia, fizemos à Pátria e permaneçamos sempre unidos, atentos, prontos e decididos.

Só assim sobreviveremos e salvaremos, mais uma vez, o País ■



Memorial Fuzileiros Navais Mortos em

COMBATE

Os principais eventos em que houve a participação de Fuzileiros Navais foram:

- **Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves**
- 1808-1809 Conquista de Caiena
- 1811 Ocupação da Banda Oriental (18*)
- 1816 Guerra contra Artigas
- 1817 Revolução Pernambucana

- **Primeiro Reinado**
- 1822-1823 Guerras de Independência
- 1824 Confederação do Equador
- 1825-1828 Guerra da Cisplatina (819*)
- 1828 Motim de Irlandeses e Alemães
- 1831 Noite das Garrafadas (3*)

- **Regência**
- 1831 Motins de 1831 contra a Regência Trina
- 1832 Levantes de 1832 contra a Regência Trina
- 1832-1833 Repressão ao Comércio de Escravos
- 1835-1840 Cabanagem (250*)
- 1835-1845 Guerra dos Farrapos
- 1837-1838 Sabinada

- **Segundo Reinado**
- 1851 Guerra contra Oribe
- 1852 Guerra contra Rosas (8*)
- 1864-1865 Guerra contra Aguirre
- 1864 Greve de Operários em Santos (17*)

- **República**
- 1864-1870 Guerra do Paraguai (361*)
- 1893-1895 Revolta da Armada (24*)
- 1903 Conflito Peru x Colômbia (54*)
- 1904 Revolta da Vacina
- 1910 Revolta dos Marinheiros e Motim do Batalhão Naval (26*)
- 1922 Revolta do Forte Copacabana – “18 do Forte” (3*)
- 1924 Rebelião do Exército e da Força Pública de São Paulo
- 1925-1927 Coluna Prestes
- 1930 Revolução de 1930 (19*)
- 1932 Revolução Constitucionalista de 1932(1*)
- 1935 Intentona Comunista
- 1938 Revolução Integralista (07*)
- 1938-1945 Segunda Guerra Mundial (11*)
- 1964 Revolução de 1964
- 1965-1966 Força Interamericana de Paz na República Dominicana – FAIBRÁS
- 1985 Operações de Segurança dos Portos
- 1992 Operação ECO-92
- 1994-1995 Operação Rio
- 1995-1997 Missão das Nações Unidas em Angola – UNAVEM (1*)
- 1999 Evacuação do Presidente do Paraguai
- 1999 Operação Mandacaru
- 2003 Operação Guanabara
- 2004 Evacuação de Não-Combatentes no Haiti
- 2004 Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti – MINUSTAH

(*) Mortos em combate comprovados.



Inaugurado em 12 de junho de 2006, no Pátio Almirante Maximiniano, na Fortaleza de São José, na Ilha das Cobras (Rio de Janeiro), o Memorial se constitui em justa homenagem a todos os Fuzileiros que, heroicamente, tombaram em combate, na defesa da Pátria.

No local, à época do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, instalou-se, em 1809, a Brigada Real da Marinha, origem do atual Corpo de Fuzileiros Navais. A data da constituição dessa Brigada remonta ao ano de 1808.

O Memorial foi concebido, portanto, em homenagem aos Fuzileiros que, desde aquela data, têm dado a sua vida pelo ideal de um Brasil justo, unido, livre e soberano. Foram 1.622 Fuzileiros Navais mortos em combate.

O atual Comandante-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais é o Exm^o Sr. Almirante-de-Esquadra Álvaro Augusto Dias Monteiro ■



Missão SAR





em SBAA

Ajax Augusto Mendes Corrêa
Cel.-Av. Pelicano 75



Esta estória foi contada por uma velha águia do CAN. É real, retrato de uma época não muito distante. Acredite...

Década de 60, pernoite em Conceição do Araguaia, duas tripulações, dois heróis do passado ali estacionados.

Um SA-16, Albatroz, “Sixteen”, do 2º/10º GAv – Busca e Salvamento, e o velho e confiável avião de transporte, o Douglas C-47, do Correio Aéreo Nacional.

Terminado o jantar, única refeição decente do dia, estávamos reunidos nós, tripulantes do C-47, e ele, o piloto do Albatroz, após o café servido pelas irmãs. Entre uma conversa e outra, contou-nos o seguinte:

– Neste local, aqui mesmo, Conceição do Araguaia, SBAA – dizia ele, foi efetuada uma missão SAR que não consta em relatórios ou estatísticas, em lugar algum.

À época, ele, tenente, comandava um C-47 do COMTA, Comando de Transporte Aéreo, cuja tripulação era constituída de outro tenente-aviador mais moderno, um capitão médico e dois sargentos, um, o radiotelegrafista e, o outro, o mecânico.

Efetuada, a Linha do Correio Aéreo LPN-AR, referência ao Rio Araguaia, a se qual se iniciava no Galeão e terminava em São Luís do Maranhão, com pernoite em SBAA, quando possível, pousando

e dando assistência médica ao longo dos inúmeros campos existentes na rota.

O padrão era chegar quase no pôr-do-sol e, após o reabastecimento e a preparação para o pernoite da aeronave, a sempre cordial acolhida das freiras.

Em seguida ao banho restaurador das energias, um jantar, preparado com a melhor das iguarias disponíveis, encerrava o dia. Esse era o programa.

Não havendo hotéis na cidade, o patronato administrado por irmãs de caridade encarregava-se do apoio de pernoite e refeições.

Já era escuro, quando jantavam ele e o outro tenente. O médico fazia sua visita costumeira a alguns pacientes, administrando, dentro do possível, o carro-chefe da enfermidade local, a malária ou maleita, comum na região.

O Dr. estava atrasado, demorava a chegar, já causando uma leve preocupação.

Ao final da refeição, surge nosso “Doc” acompanhado de uma freira, ambos bastante nervosos.

Acontecera um acidente. Um garoto havia caído debaixo de uma carroça e estava com fraturas e, possivelmente, hemorragia interna. Precisava de remoção imediata para um centro de maiores recursos provido de raio-X, sala cirúrgica etc.

Essa notícia foi terrível; estava “pintando” uma

EVAM (evacuação aeromédica), pois o local não dispunha de recurso algum.

Deveríamos consultar o COMTA, submetendo a ele nossa situação, que indicava um traslado de emergência, missão SAR, no caso SVH (*salvamento de vida humana*).

A regra do jogo era que quaisquer desvios, mudanças de rota, alternativas, até mesmo atrasos, deveriam ser enviados, pelo comandante da aeronave, para a tática do COMTA, em SBGL, no Rio de Janeiro.

Aquele Comando não iria autorizar uma decolagem noturna, de campo não balizado, às escuras, e o vôo ao nascer do sol, de acordo com o parecer médico, provavelmente seria fatal para o paciente. Não havia muito tempo para grandes soluções. Cada minuto perdido...

Consultando nosso tenente, apresentei a seguinte situação:

– *Até o COMTA autorizar, SE autorizar – lá, não estarão envolvidos emocionalmente como nós, o garoto já era.*

O pedido teria de ser feito pelo radiotelegrafista, abrir o avião, dar partida em um dos motores, enviar a mensagem, esperar a resposta...um pouco complicado.

Só havia uma opção e, assim mesmo, não assegurava que aquela vida seria poupada. Pergunto se ele “*toparia*” decolar imediatamente com destino à Goiânia, à época com bons recursos para atendimento de emergências médicas.

– *Depois, no Rio, a gente se explica.*

Sem vacilar, responde afirmativamente. Peço então que acione os sargentos, consultando-os na condição de voluntários.

Estávamos com 600 galões, mais ou menos seis horas de autonomia 60m, um tempo estimado de vôo para SBGO, na reta, em torno de três e pouco, quatro horas, talvez. Combustível não seria o problema.

Aviso ao médico para que prepare o paciente, improvise uma maca e outros apetrechos, pois decolaríamos em seguida, assim que ele desse o OK.

Comunico à freira superior a decisão; um corre-corre danado na escuridão; todos ajudam. Ao chegar ao avião, já o encontrei pronto e no aguardo do doente. Os mecânicos, assim como eu imaginara, também aceitaram de imediato.

Brifim embaixo da asa, embarque do enfer-

mo, táxi lento até à cabeceira da pista. Era mandatório não levantar poeira; porque deveríamos ter uma boa visibilidade durante a corrida.

Faróis ligados, decolagem curta, nível mínimo para o destino, silêncio rádio absoluto. Operação fantasma. E se tiver um mono na decolagem? Isso passava pela minha cabeça. E se o guri falecer? Bom, SE acontecer, a aeronave está leve e podemos fazer o pouso no escuro. Somos treinados Com sorte, e a sempre presente proteção divina, não haverá problema.

Após a decolagem, proa direta para o destino. Atendendo ao pedido do médico de voar baixo, nivelamos no nível mínimo – fora de aerovia – adequado àquela região. Noite escura, ninguém falava.

O café, cortesia das irmãs, feito às pressas, foi esquecido, a garrafa térmica sumiu!

Goiânia foi escolhida, pois a Força Aérea era muito conceituada no local, e éramos conhecidos nos hospitais da cidade, havia um bom relacionamento.

De tempos em tempos, nosso doutor perguntava se não podíamos andar mais rápido e, como resposta, acrescentávamos mais uma polegada na potência. O paciente não estava bem.

Após quase quatro intermináveis horas de vôo, 40, 30 minutos fora, é feito o primeiro contato, em VHF, com a rádio Goiânia,

A estação rádio ZWGO nos atende, acho até que meio surpresa, pois havíamos passado nesse mesmo dia indo para o interior e estávamos regressando à noite, fora do quadro horário. Estranho!

– *FAB 200X, aqui rádio Goiânia, na sua escuta, 5 por 5.*

A resposta soou como música em nossos ouvidos.

Transmito a estimada, o tipo e a urgência da missão e peço que acione os hospitais da área, ambulância, enfim tudo para um atendimento rápido.

Após o pouso, confirmo que nosso prestígio era mesmo bom: pela presença de duas ambulâncias. Muita gente de branco. O médico, incansável na manutenção do paciente durante aquele vôo, acompanha o paciente. Tem apenas meia hora para regresso e nova decolagem. Havia pressa.

Um lanche rápido, outro para nosso doutor degustar a bordo e, no momento em que era encerrado o abastecimento, agora com 800 galões, chega nosso herói, dando conta que o rapaz esta-



va sendo preparado para ser operado, mas, infelizmente, seu estado era grave.

Livre direita, decolagem tranqüila, agora é uma pista iluminada.

Proa direta para SBAA, o silêncio rádio continua.

Mais algumas horas e pouco, pousamos no nascer do sol, quase no horário para a decolagem prevista na ordem de missão do novo dia.

Um rápido café, muitas bênçãos, com agradecimentos das freiras e de habitantes locais. Reiteramos nosso pedido de poucos comentários sobre o assunto, barba feita (o comandante tem que dar o exemplo), decolagem com destino a São Luís para pernoite e, como sempre, vários pousos pelo caminho.

Como dizia *Saint-Exupéry*, *a Linha não pode atrasar*. Andando rapidinho íamos encaixar no quadro horário.

No regresso, o pernoite foi em Goiânia – Santa Geneveva, esse é o nome do aeródromo.

Ao primeiro contato com o pessoal da ZW, fomos cientificados que o paciente estava bem, havia sido operado, escapara por um fio. Alegria geral a bordo. Após o pouso, nosso doutor foi ao hospital e confirmou as boas novas.

Encontramo-nos no “*Gato que Ri*”, restaurante peculiar, proprietário bonachão, ex-piloto da Panair do Brasil, paredes decoradas com centenas

de assinaturas de tripulações em trânsito. Local de encontro de aviadores, civis e militares, quando em pernoite naquela cidade.

Assim termina a estória de nosso companheiro.

Ah, uma pergunta:

– *E o garoto?*

O garoto, responde nosso narrador, deu alta, curado, e a FAB o transportou de novo para cá. É o guarda-campo que nos atendeu hoje.

Este relato, como disse, foi feito pelo piloto do SA-16, o qual, por ocasião desse evento, já tinha, na alma, o Espírito da Busca, “*para que outros possam viver*”.

Resolvi divulgar essa estória, guardada na lembrança durante muitos anos, como uma singela homenagem a todos os Pilotos da Busca, no presente e no passado. Uma especial citação a meus companheiros do 2º/10º, à época, ainda, em Cumbica: o magistral ícone da Busca, o Capitão-Aviador João Celso D’Ávila Carvalho, o Capitão-Aviador Lupércio José Ferreira, o velho Lupa, e o Capitão-Intendente de Aeronáutica Roberto Câmara Lima Ypiranga dos Guarany’s, incansável homem do PARASAR, infelizmente, já falecidos.

Aos que ainda permanecem neste planeta, independentemente de posto ou graduação, Pelicanos e Pastores, nosso reconhecimento pelo privilégio de os ter conhecido ■



Coreia do Norte: Pesadelo para os EUA

De um modo gradual, os Estados Unidos vão materializando os seus piores pesadelos. Uma guerra não necessária com o Iraque mobilizou 150.000 de seus soldados colocando-os em um verdadeiro beco sem saída. Também uma contenda no Afeganistão os colocou na defensiva frente a um Talibã fortalecido.

Ao desestruturar o Iraque e conduzir os xiitas ao poder, acabaram transformando o Irã em uma grande potência regional. A pretendida democratização do Oriente Médio colocou o poder nas mãos do Hamas e legitimou o Hezbollah. Seu apoio incondicional a Israel, no que concerne às retaliações impostas ao Líbano, debilitou os seus tradicionais aliados árabes e contribuiu para glorificar o Hezbollah. Fechando o círculo de trapalhadas, a Coreia do Norte terminou ocupando um lugar especial nesse festim de torpezas.

O regime de Pyongyang tem-se caracterizado por uma verdadeira paranóia. Em face das atitudes hostis do líder coreano Kim Jong Il e do catastrófico cenário desenhado, os Estados Unidos, um dos três países que não reconhecem a Coreia do Norte, e depois de meio século do fim da guerra com esse país, não conseguiram firmar um tratado de paz. Assim sendo, acharam por bem estacionar 40.000 soldados na Coreia do Sul de modo a manter o equilíbrio de forças na região. Faz-se mister destacar que a Coreia do Norte dispõe de dez mil peças de artilharia, altamente fortificadas, apontando para Seul. Conseqüentemente, os vinte milhões de habitantes da capital sul-coreana são reféns de qualquer ação de retaliação por parte dos estadunidenses.

Em 1994, Pyongyang e Washington firmaram um acordo. Os norte-coreanos se comprometiam a suspender o enriquecimento do urânio, e os norte-americanos obrigavam-se a prover dois reatores nucleares

para geração de energia elétrica. Ademais, ambos se obrigavam a normalizar suas relações diplomáticas.

Lamentavelmente, de lado a lado deixaram de cumprir alguns tópicos do acordo. Quando, em 2002, o Governo dos EUA confrontou os norte-coreanos, pela continuação do enriquecimento de urânio, estes aludiram à falta de cumprimento de algumas cláusulas, por parte dos estadunidenses. Entretanto, se comprometeram a respeitar sua parte do trato se os EUA lhes dessem garantias de não atacá-los e de normalizar as relações externas entre ambos os países.

Brandindo sua prepotência habitual, a administração Bush fechou qualquer possibilidade de solução negociada entre as partes. Isso ocorreu no mesmo ano em que Bush havia transformado a ação preventiva no eixo central de sua doutrina militar e colocado a Coreia do Norte dentro do “eixo do mal”, definindo uma estratégia implícita de “mudança de regime” para esse país.

Ameaçar com destruição o regime paranóico de Kim Jong Il não é a melhor forma de encarar a fricção geopolítica, sobretudo quando se sabe que vinte milhões de reféns sul-coreanos tornam inviável qualquer tipo de ameaça. A isso se soma a mensagem extraída do Iraque, segundo a qual somente se invade os que não possuem armas atômicas. Como era de se supor, a Coreia do Norte dotou o seu arsenal bélico com a temida bomba atômica. Aos EUA restou engolir suas bravatas e as afirmativas de que não permitiria que Pyongyang adquirisse armamento nuclear. Enquanto isso, o Irã observa o cão que ladra mas não morde e, o Japão e a Coreia do Sul sentem-se tentados a se igualarem militarmente à Coreia do Norte.

Indubitavelmente, estão formados um grande imbróglio geopolítico e uma hercúlea tarefa para a superpotência hegemônica tentar resolver ■

Manuel Cambeses
Júnior

Cel.-Av.

Membro do Centro de Estudos
Estratégicos da Escola
Superior de Guerra e do
Instituto de Geografia e
História Militar do Brasil

TERRORISMO/ TERRORISTAS

Um Ensaio

Carlos Arlindo Rondon
Cel.-Av.

“O Unilateralismo exacerbado é a célula ‘mater’ do Fundamentalismo extremado.”

A expressão *INCONFIDÊNCIA* nos traz de imediato à mente a figura de Tiradentes e de toda a Conjuração Mineira do século XVIII, em Vila Rica.

O vocábulo *INTENTONA* virá sempre ligado à Revolução de 1935, procedida por Luiz Carlos Prestes e seus sectários comunistas.

A palavra *HOLOCAUSTO* passou a ser paradigma de campo de concentração nazista, contendo corpos de judeus e não judeus, amontoados, pelas valas.

A dicção *HIROSHIMA* só nos faz lembrar da Bomba, a proparlada “*Little Boy*”, que de um só golpe ceifou setenta mil vidas.

O verbete *TERRORISMO* nos conduz automática e subliminarmente a Osama Bin Laden, Talibã, Al-Qaeda, Hezbollah, Haganah, Jihad Islâmica, Hamas, e a outros expoentes do Fundamentalismo.

A tudo isto, então, poderemos doravante classificar como sendo a: “*Consagração do Termo*”.

Fala-se com invulgar constância em Terrorismo e em Terroristas, o que passou hoje em dia a ser assunto generalizado e pauta em todos os meios de comunicação, principalmente depois do terrível, do gigantesco trauma que nos deixou o inesquecível 11 de Setembro de 2001. Mas será que estaríamos empregando bem essas duas palavras no intrínseco valor do seu conteúdo? Será que sabemos o preciso significado delas e as estamos usando corretamente? Será mesmo? Talvez sim, mas... talvez não!

Em setembro de 1940, no auge da Batalha da Inglaterra, a Luftwaffe praticamente destruiu o centro de Londres com seus ataques maciços, na tentativa vã de fazer dobrar os joe-

lhos de Churchill, não o conseguindo. No entanto, isto não foi uma ação de Terrorismo e, muito menos, os aviadores alemães eram Terroristas; tratou-se, sim, de uma ação de guerra.

Em 1944/1945, inverteram-se as posições e Berlim foi pulverizada. Obviamente, isto também não foi Terrorismo nem os pilotos aliados poderiam ser considerados Terroristas, pois nunca foram tidos como tal. As ações faziam parte do conflito.

Em agosto de 1945, foi usada a primeira arma nuclear da História numa operação bélica, acontecimento que viria revolucionar e jogar por terra todos os conceitos e teorias de guerra até então existentes e consagrados. Foi outra ação de beligerância, esta contudo, e felizmente, pondo fecho a um conflito mundial que já se arrastava por seis longos anos, e, destarte, economizando muitas vidas americanas e japonesas. É óbvio que não se tratou de uma ação de Terrorismo e nem o Coronel Paul Tibets e a tripulação do “*Enola Gay*” poderiam ser taxados de Terroristas. Deus nos livre!

E as ações kamikazes? Poderiam ser caracterizadas como Terrorismo? Seriam? Os Kamikazes imolavam-se contra objetivos militares, tudo de conformidade com a sua cultura oriental, suas crenças religiosas; eram oficiais da Imperial Marinha Japonesa, eram respeitados como heróis e jamais foram considerados Terroristas.

Agora, entretanto, vamos começar a raciocinar por absurdo, vamos ingressar no terreno das suposições, vamos distender um pouco mais as nossas divagações: imaginemos que durante a Segunda Guerra Mundial (WW2), dois oficiais kamikazes conseguissem infiltrar-se em Nova York, roubar um Constellation da TWA e se atirar contra o Empire State Building, destruindo-o. A imprensa mundial (naquele tempo mídia ainda não era um

“*Termo Consagrado*”), sem a menor dúvida ou cerimônia, estamparia o fato com as maiores manchetes possíveis, classificando-o como ação de Terrorismo executada por Terroristas!

Vê-se assim quão volúvel e até mesmo mesclada de desonestidade intelectual é a mente humana, ao qualificar pessoas ou fatos de acordo com seus desígnios políticos ou sob a direta influência de fatores que possam distorcer a realidade, como nos momentos de forte histeria pública; de heróis a vilões terroristas, apenas um só passo; de ação de guerra a Terrorismo, apenas meia reflexão! Porém, esta seria unicamente uma opinião unilateral do Ocidente, já que no longínquo Oriente, lá no Japão, continuariam sendo heróis de guerra, continuariam sendo bravos Kamikazes.

Quem quisesse argumentar contra o Terrorismo poderia verberar que o ataque visou a um alvo não militar, causando a morte de centenas de pessoas inocentes dentro e fora do prédio e que nada justificaria tamanha barbárie. No entanto, quem quisesse insistir com uma réplica sobre o fato diria que – como já fora visto anteriormente – embora também não houvesse objetivos militares na Londres de 1940, nem na Berlim de 1944/1945, e nem houvesse fábricas de aviões, de armamentos ou qualquer complexo petroquímico em Hiroshima que justificasse o ataque, essas operações nunca foram consideradas Terrorismo, porque não o foram, nem os seus participantes considerados Terroristas porque não o eram; todas elas, sim, foram ações de guerra contra Objetivos Psicológicos, exatamente como deveria ter sido rotulado o nosso hipotético ataque ao Empire State.

Hoje em dia, porém, quem atacar forças invasoras é qualificado como Terrorista e, nessa linha de pensamento, os “*maquis*” franceses

igualmente o seriam! E o que teriam sido então os nossos Matias de Albuquerque, Vidal de Negreiros, Henrique Dias e Felipe Camarão? Sem comentários...! Vê-se, pois, que o assunto é complexo e pode dar margem a várias análises e às mais controvertidas interpretações.

Mas, afinal, o que é ou não é mesmo Terrorismo? Quem, enfim, merece ser ou não ser classificado como Terrorista? Onde, em definitivo, encontrar-se-á essa abstrata, essa invisível, essa Tênué Linha que diferencia Guerra, de Terrorismo, Mártir ou Herói, de Terrorista? E, encontrada ela, o que tanto nos dificultará posicioná-la corretamente?

Dentre variados fatores, um talvez seja o mais notório: o Fator Geográfico. A dialética dos povos orientais diverge de forma completa do pensamento ocidental e, ao que tudo indica, ainda não nos foi dado a entender que, pela força, nunca se lhes conseguiremos impor a substituição dos seus valores primários, sobejamente consagrados por religiões veneradas com profunda obstinação. E nem se lhes modificaremos seus enraizados hábitos, fruto de culturas milenares muito mais antigas do que as nossas.

Ao analisarmos os problemas do Oriente Médio de hoje, notamos, ao que parece, não haver no momento qualquer possibilidade de um epílogo iminente para toda aquela balbúrdia. Percebemos, todavia, ser inegável que a maior parte dela seja oriunda das políticas desacertadas do Ocidente, como da mesma maneira, sentimos a inépcia dos dirigentes ocidentais, sempre transparecendo pouca ou nenhuma energia política concernente ao assunto; e o que é mais importante: jamais demonstraram a menor sensibilidade para com os constantes e muito graves ataques suicidas que lá ocorriam. Isto viria a tornar-se fatal para

nós; pagamos caríssimo para ver !

Indicavam ainda não acreditar, ou até mesmo desconhecer, que não há como contornar esse tipo de ataque. O agente, com a decisão já meditada, repisada, remoída e já firmada de que vai se autodestruir, terá a paciência e o tempo de que quiser dispor, podendo esperar dias, semanas, meses, anos, à espreita do momento propício para desferir o seu golpe mortal. Cumpre convencer-nos de que não existe – definitiva, insofismável, peremptória e indubitavelmente – defesa contra um ataque suicida! Se ele for Efeito de algo, impõe a lógica que, como única solução, seja eliminada a sua Causa. O esforço que se despende combatendo o Efeito será sempre desgastante, sobremodo ineficaz, e jamais extirpará a Causa. É a velha relação entre Causa e Efeito que, infelizmente, não anda sendo bem observada nem avaliada!

E como se tem combatido apenas Efeitos, ultimamente, no cenário mundial!

Honrosa exceção seja feita a Bill Clinton, que se aprofundou bem mais no problema, chegando muito próximo à Causa. Fez reunir, em torno de uma mesma tábua, dois líderes antagônicos, concitando-os a assinar um tratado de paz que, malgrado, nunca se concretizou devido à morte de Yitzhak Rabin.

Como resultado, então, e para despertar ainda mais as atenções do lado de cá do Mundo, esses ataques passaram a ser “exportados” para a América do Norte e, após, para a Europa, carreando as tremendas consequências que nos foram dadas a sofrer ou a testemunhar.

Mas até quando, enfim, estaremos condenados a conviver com o perigo e o sobressalto, a sofrer os efeitos da intranqüilidade, a sermos reféns do medo? Até quando esses dirigentes vão continuar insistindo em

arcar com a injustificada, a descabida, a absurda responsabilidade de se outorgarem o direito de decidir, eles próprios, a submissão de seus povos aos riscos ou aos sofrimentos de um novo 11 de Setembro, o qual poderá fatalmente voltar a ocorrer?

Será somente até quando, por fim, o bom senso vier a frutificar e a reinar nas mentes humanas e a lógica sobrepuser-se aos desígnios políticos do “bicho” homem. Ou então só até daqui a mais ou menos sessenta anos, quando o petróleo secar no Planeta. Sorte dos nossos bisnetos!

Assim, após essa sucinta divagação sobre outros fatores relacionados ao tema Terrorismo/Terroristas, é possível, em decorrência, que tenhamos clareado um pouco mais os nossos conhecimentos para um retorno ao assunto capital deste Ensaio. Ao menos ficaram em evidência alguns novos dados para ajudar cada um de nós a consolidar ou a reformular, a corrigir ou, até mesmo, a reconstruir a nossa opinião. E, de igual maneira, para termos mais instrumentos e melhores condições de, enfim, podermos situar, na sua posição mais correta possível, a tal propalada Tênué Linha que separa Guerra, de Terrorismo, Mártir ou Herói, de Terrorista. Tudo de conformidade com o nosso limiar de percepção e, assaz importante, em estrita consonância com a nossa própria consciência.

Por conseguinte, quando formos elaborar essa nossa opinião, a totalidade do que foi evidenciado apenas será aproveitável se for tomada a máxima cautela em nos abstermos e em não nos deixarmos contaminar pela Atuante-Profunda-Influência daquela assertiva que cognominamos de início como sendo a “**CONSAGRAÇÃO DO TERMO**”.

Muito cuidado!

Oxalá o consigamos ■



Recordando o Intentona Comunista

Tenente-Coronel Misael Mendonça, Major Armando de Souza e Mello, Major João Ribeiro Pinheiro, Capitão Danilo Paladini, Capitão Geraldo de Oliveira, Capitão Benedicto Lopes Bragança, 1º Tenente José Sampaio Xavier, 1º Tenente Laudo Leão de Santa Rosa, 2º Sargento José Bernardo Rosa, 2º Sargento Jaime Pantaleão de Moraes, 3º Sargento Coriolano Ferreira Santiago, 3º Sargento Abdiel Ribeiro dos Santos, 3º Sargento Gregório Soares, 1º Cabo Luiz Augusto Pereira, 2º Cabo Alberto Bernardino de Aragão, 2º Cabo Pedro Maria Neto, 2º Cabo Fidelis Batista de Aguiar, 2º Cabo José Hermito de Sá, 2º Cabo Clodoaldo Ursulano, 2º Cabo Manoel Bile de Agrella, 2º Cabo Francisco Alves da Rocha, 2º Cabo Manoel Alves da Silva, Soldado Álvaro de Souza Pereira, Soldado Luiz Gonzaga de Souza, Soldado Lino Vitor dos Santos, Soldado João de Deus Araújo, Soldado José Mario Cavalcanti, Soldado José Menezes Filho, Soldado Orlando Henriques, Soldado Pérciles Leal Bezerra, Soldado Walter de Souza e Silva, Soldado Wilson França, Soldado Genaro Pedro Lima foram mortos em novembro de 1935, quando da Intentona Comunista, planejada e dirigida pela 3ª Internacional, da qual Luiz Carlos Prestes, desde 8 de junho de 1934, era membro dirigente, em Moscou, integrando a Comissão Executiva.

Todavia, somente depois do desmantelamento do socialismo real, primeiramente nos países satélites do Leste Europeu, em 1989, e, depois, na própria União Soviética, que desapareceu, definitivamente, em dezembro de 1991, vieram à luz os relevantes serviços prestados à Humanidade, primeiro por Gorbatchev – o último dos *Grandes Timoneiros*, e, depois, por Boris Yeltsin, um ex-comunista.

Gorbatchev, durante os cinco anos em que dirigiu o Estado soviético e o Partido Comunis-

ta, comprovou para o mundo, na prática, que o socialismo não funciona.

Boris Yeltsin, por sua vez, abriu os arquivos da 3ª Internacional (*Komintern*), derrubando diversos mitos incorporados à História do Brasil. Os arquivos comprovaram que:

- desde 1935, Prestes era um assalariado dos soviéticos, situação que perdurou por toda a sua vida, uma vez que nunca desempenhou qualquer atividade remunerada após desertar do Exército;

- não eram nove os estrangeiros pertencentes ao *Serviço de Relações Internacionais do Komintern* que se encontravam no Brasil, preparando a revolução, e, sim, vinte e dois! O livro *Camaradas*, de William Waak, que pesquisou os arquivos do *Komintern*, publica seus nomes;

- a alemã Olga Benário nunca foi casada com Prestes. Era casada, em Moscou, com um membro da Academia Militar *Frunze* e acompanhou Prestes ao Brasil, cumprindo uma tarefa que lhe fora determinada pelo *IV Departamento do Estado-Maior do Exército Vermelho*, instância clássica da Inteligência Militar, hoje conhecida pela sigla GRU;

- a determinação para a eclosão da revolução não partiu da direção do PCB ou de Prestes, e, sim, foi expedida, por telegrama, de Moscou, pelo *Serviço de Relações Internacionais do Komintern*. Isto, e muito mais, pode ser visto no livro *Camaradas*.

Assim, pode ser dito que a História do Brasil foi reescrita. Todavia, muitos ex-comunistas, não refeitos ainda da *grande ressaca* que foi a queda do comunismo, continuam relutando em aceitar a verdade de que, por todos esses anos, nada mais foram do que lacaios de uma potência estrangeira responsável pelo assassinato, na calada da noite, de 33 militares brasileiros ■

Carlos Ilich Santos Azambuja
Historiador

GUY VAN BOSSCHE
Sem Título, 1999





ANSELM KIEFER
Die Himmelsleiter,
330 x 370cm,
1990

NEKRO

Samuel Schneider
Netto
Cel.-Av.

No último domingo de maio passado, assisti pela TV à Sua Santidade o Papa Bento XVI, em sua visita ao campo de extermínio *Auschwitz-Birkenau*, rezar pelas vítimas que ali foram assassinadas pelos nazistas, durante a Segunda Guerra Mundial. Lá estive também, em maio de 2005, quando participei, com cem outros brasileiros, de uma viagem emocionante: a “*Marcha da Vida*”, cujo propósito era rememorar o Holocausto e exortar a que essa tragédia não voltasse a ocorrer jamais. Na ocasião, se celebravam os 60 anos do término dessa guerra na Europa e a liberação dos campos de concentração e extermínio pelas tropas aliadas.

Em Varsóvia, visitamos o monumento que peregrina uma das páginas heróicas da História da Humanidade: o Levante do Gueto de Varsóvia, a primeira revolta armada desencadeada por civis no interior da Europa ocupada pelos nazistas. Esse gueto era um espaço murado, constituído de alguns poucos quarteirões onde os invasores e seus simpatizantes confinaram centenas de milhares de pessoas, na grande maioria de judeus. O levante, realizado por um punhado de jovens, dispendo de poucas armas leves, liderados por Mordechai Anielewicz, de apenas 24 anos, durou vinte e sete dias, durante os quais enfrentaram com dignidade e bravura a mais poderosa máquina de guerra da época. Embora conscientes de sua próxima e total aniquilação, eles possuíam uma determinada “vontade de morrer combatendo”. No singelo monumento, localizado na Rua Mila, número 18, que marca o local de onde Mordechai comandava as ações, nos foi lida a carta de despedida que ele escreveu a seu amigo, poucas horas antes de suicidar para não ser aprisionado e torturado pelos algozes.

No interior do Gueto, percebemos quão diminuto era o espaço que aprisionava aquelas centenas de milhares de pessoas nas mais terríveis e desesperadoras condições. De lá, aquelas que não morriam eram levadas para diversos campos de concentração. Estivemos na Umschlagplatz, a praça da deportação, de onde partiam os trens que transportavam, em condições subumanas, os cativos para seu destino final. De um número de cerca de 600.000 pessoas que foram aprisionadas no Gueto, somente poucos milhares sobreviveram. As demais encontraram a morte em virtude de inanição, frio, doenças, exaustão por trabalhos forçados, asfixia e esmagamento nos trens de gado em que eram transportadas, e eliminação pura e simples por armas de fogo, baionetas, ou câmaras de

gás, além das “*experiências científicas*” a que muitas delas foram submetidas.

No antiquíssimo cemitério judaico, nos limites do Gueto, fizemos orações em memória das pessoas lá enterradas, entre as quais o Prof. Ludwik Zamenhof, criador do Esperanto, idioma concebido para que pessoas de todas as nações pudessem se comunicar e entender. Lá também vimos o monumento ao médico e escritor Janusz Korczak, fundador e diretor de um orfanato para dezenas de crianças que, recusando-se a abandoná-las ao seu triste destino, deliberadamente encontrou a morte junto com elas em Treblinka.

O que a todos mais impressionou nessa viagem foi a visita aos campos de concentração de Majdanek e ao complexo Auschwitz-Birkenau. Esses campos foram construídos, tal como dezenas de outros em toda a Europa ocupada, em decorrência da política estatal do III Reich, de eliminar organizada e sistematicamente os eventuais inimigos do regime. Entre esses se incluíam opositores políticos, prisioneiros de guerra, homossexuais, testemunhas de Jeová, doentes mentais e pessoas cronicamente enfermas, ciganos e, sobretudo, judeus, sendo os dois últi-

mos grupos classificados como “*raça inferior*”. Escreveu Elie Wiesel, ganhador do Prêmio Nobel da Paz de 1986, ele próprio um sobrevivente do Holocausto: “*Nem todas as vítimas foram judeus, mas todos os judeus foram vítimas*”.

O Campo de Majdanek, localizado próximo à cidade de Lublin, foi estabelecido em outubro de 1941 e servia, inicialmente, para conter prisioneiros de guerra soviéticos. Com o tempo, este e outros campos passaram a servir a outros propósitos. A Conferência de Wannsee, nos arredores de Berlim, realizada em outubro de 1942 por autoridades nazistas, decidiu dar maior efetividade à “*Solução Final*”, que determinava o assassinato sistemático de todos os opositores ao regime e, em especial, os judeus. Seus executores pertenciam aos “*Einsatzgruppen*”, unidades móveis que acompanhavam as forças invasoras. Seus métodos de chacina evoluíram dos fuzilamentos em massa e do enterro dos cadáveres em enormes valas comuns, ao de asfixia por gases gerados por motores de caminhões, considerado mais simples e eficaz. Este método foi batizado de “*Operação Reinhard*”, em home-

nagem a um dos principais administradores da solução final. Foi, entretanto, aperfeiçoado e tornado ainda mais eficiente com a utilização dos vapores de ácido prússico, cujo nome comercial era Zyclon B. Assim, os campos de concentração passaram a ser também campos de extermínio e, alguns, de trabalhos forçados, a fim de aproveitar a mão-de-obra escrava, enquanto os prisioneiros tivessem forças para ajudar no esforço de guerra do invasor. O enorme volume de cadáveres, contudo, gerou o problema de como se livrar deles, o que foi convenientemente solucionado pela utilização de fornos crematórios.

Os nazistas, em sua fuga às tropas soviéticas, não tiveram tempo de destruir as instalações de Majdanek, deixando intactas barracas, câmaras de gás e fornos crematórios, que até hoje horrorizam seus visitantes. Existe também o “*necrotério*”, que era uma dependência onde milhares de corpos, ainda quentes, eram despojados de suas obturações de ouro e, quando se suspeitava que haviam sido engolidas jóias, tinham abertas as suas entranhas para a retirada desses valores. Em 1969, foram ali eri-



gidos dois monumentos: um na entrada do campo, consistindo de uma enorme escultura de forma abstrata, em concreto, simbolizando a nulidade de um homem parado à sua sombra e o processo de degradação infligido aos então prisioneiros, que ali perdiam a sua identidade e passavam a ser simples números. O outro, ao final do campo, ao lado de um dos fornos crematórios, é um mausoléu que guarda uma sinistra mistura de três toneladas de cinzas humanas e de terra, sobre o qual se gravou a seguinte mensagem: “*Seja nosso destino uma advertência às gerações vindouras*”.

A visita ao complexo Birkenau/Auschwitz, perto da cidade de Cracóvia, foi realizada em um clima de intensa emoção. Pela manhã, embarcamos em Varsóvia em um trem que refez o mesmo caminho daqueles que transportavam os prisioneiros de então para seu trágico destino. Após cerca de quatro horas de viagem, chegamos à pequena cidade de Oswiecim, onde descemos. Naquele local, se reuniram cerca de 20.000 outras pessoas, vindas das mais diferentes regiões do mundo. Todas elas, então, reproduziram a mesma caminhada de cerca de três quilômetros que separam a estação ferroviária dos referidos campos e que era feita, anteriormente, por aqueles que “*marchavam para a morte*”. Em determinado ponto dessa caminhada, naquela época, havia um oficial nazista que apontava com o dedo o destino final dos prisioneiros: para um lado, aqueles que iriam para Birkenau, para o extermínio imediato; para o outro, os que seguiriam para Auschwitz, para trabalhos forçados. Mais tarde, começou o extermínio em Auschwitz, também.

Os milhares de pessoas que reproduziram aquela fatídica marcha fizeram isso, em respeitoso silêncio e contrição. À medida que nos aproximávamos do campo, passamos a ouvir pelos alto-falantes uma voz grave e solene recitando, interminavelmente, o nome de todos aque-



les que pereceram no local. Para que essas vítimas jamais fossem esquecidas. Essa nossa caminhada em sua homenagem denominou-se “*Marcha da Vida*”. Após a visita aos campos, todas as vinte mil pessoas participantes assistiram a uma cerimônia singela, mas plena de uma solenidade emocionante e inesquecível.

Estavam presentes Chefes de Estado e de Governo e altas autoridades de vários países, entre os quais da Polônia e da Hungria, o Presidente do Parlamento Europeu e o Primeiro-Ministro de Israel, General Ariel Sharon. Presentes, também, os adidos militares das nações que têm tal representação na Polônia, inclusive o do Brasil, com quem confraternizei. Vários discursos foram feitos enfatizando a barbárie perpetrada nesse e nos outros campos, e a necessidade de a Humanidade aprender a lição, a fim de que isso jamais volte a se repetir. Lágrimas caíram dos olhos dos presentes quando Ariel Sharon pronunciou seu discurso em Hebraico, em pleno campo de extermínio, após um coral vindo de Israel entoar o Hino daquele país. Emocionante também foi o mar de bandeiras nacionais de vários países, inclusive as de Israel e do Brasil, tremulando naquele ambiente, numa vibrante exaltação à liberdade e à pacífica convivência entre os povos.

Porém, o discurso que particularmente mais me tocou foi o pronunciado

pelo Rabino Meir Lau, ex-Rabino Chefe de Israel, também um sobrevivente do Holocausto. Disse ele que, ainda criança, na véspera de sua libertação do Campo de Buchenwald, viu gravado à unha, em uma parede, o testamento de um judeu que lá encontrou a morte, pedindo NEKUME – VINGANÇA. O Rabino prosseguiu seu discurso perguntando: – *Hoje, qual poderia ser a nossa nekume?* Ele mesmo respondeu: – *A nossa vingança é a vida, é termos sobrevivido. É viver uma vida humana digna e assumir a responsabilidade de educar as próximas gerações. E de seguir o mandamento judaico de amar ao próximo como a ti mesmo.*

Faço o presente relato para transmitir aos leitores que aquilo que se vê nos campos de concentração e extermínio é devastador. Como disse uma pessoa ali presente: “*A mente não consegue assimilar tamanha barbárie. Como pôde um homem infligir tamanha atrocidade a outro, e o mundo se calar?*”. Finalizando, manifesto uma cruel dúvida pessoal: será que a Humanidade aprendeu a lição? As barbaridades que foram cometidas em passado recente, e aquelas que se perpetram ainda em nossos dias, em todos os quadrantes do mundo, inclusive em nossa pátria, estão a indicar que, muito lamentavelmente, ainda não. Temos muito que evoluir ■

Autoridade e Liberdade

Severo Hryniewicz
Professor de Filosofia da
Faculdade João Paulo II

Quando se pensa nas relações do homem com o meio em que vive, de imediato vem à mente a dicotomia entre fazer o que bem se pensa ou ficar condicionado pelas regras que ordenam a vida sócio-cultural. À primeira vista, estas duas alternativas parecem ser excludentes: ou se é livre ou se é escravo do meio. Contudo, não parece que esta seja a única maneira de encarar o problema.

Se pensarmos a liberdade como forma de manifestação sem nenhum tipo de obstáculo externo, seu pleno exercício implicaria matar Deus, matar os pais, livrar-se dos filhos, dos professores, dos vizinhos, dos chefes, de todos os patrões e de qualquer um ou coisa que ouzasse se interpor entre o querer fazer alguma coisa e o fazê-lo de fato.

Este sonho de liberdade sem empecilhos ou constrangimentos não leva em consideração a verdadeira realidade do ser humano: ele é um ser físico (submete-se a leis da Física); biológico (precisa comer, dormir etc.); psicológico (tem emoções que não pode evitar: medo, alegria etc.) e é, também, um ser social (precisa dos outros para sobreviver e desenvolver suas potencialidades). Sendo assim, quando se pensa seriamente sobre a liberdade humana, deve-se sempre levar em consideração que se trata da liberdade humana, não da liberdade de anjos.

A busca da liberdade deve começar pela tomada de consciência da condição humana, do papel na sociedade, dos verdadeiros ideais de vida, localizando os perigos do modismo. O modismo

pode ser uma tremenda armadilha contra a liberdade, pois acaba por impedir a capacidade de pensar por conta própria. Também é preciso saber detectar os controles ideológicos que procuram induzir as pessoas a pensar e agir de modo a satisfazer os interesses de grupos políticos ou econômicos.

A rejeição aos controles inibidores da liberdade não implica a eliminação de toda e qualquer forma de controle social ou de autoridade em geral. Imagine-se, por exemplo, o caso de uma greve da Polícia na cidade do Rio de Janeiro. A agressividade natural do ser humano assumiria várias formas de violência: multiplicação de assaltos, disseminação da violência física, desrespeito contra a propriedade etc. e, com isso, o caos social se instalaria. Dar-se-iam chances para o retorno àquele estado que Thomas Hobbes chamou de “estado natural”, no qual todo tipo de violência seria permitido, e o homem tornar-se-ia “lobo do homem”, entrando numa “guerra de todos contra todos”.

Um fato histórico famoso é um bom indicador dessa possibilidade. Durante a Segunda Guerra Mundial, entre 1940 e 1944, vigorou, na França, o chamado “Regime de Vichy”. Assim foi chamado o Governo do Marechal Pétain, que se instalou depois da rendição da França à Alemanha nazista. Quando o Governo de Vichy caiu, sem que as autoridades do novo regime tivessem assumido o poder, viveu-se um período de verdadeiro caos social, a que alguns historiadores se referem como “uma temporada no in-

ferno”. Nesse período, praticaram-se crimes de toda espécie: morticínios, expurgos, assaltos e roubos, numa verdadeira onda de terror passional.

Há, ainda, um outro caso adequado à discussão sobre a questão da necessidade da autoridade e das regras sociais: em 1968, também na França, alguns jornais franceses flagraram o agitador e líder estudantil Cohn Bendit enquanto este, desejoso de viajar, esbravejava contra os funcionários grevistas da estrada de ferro que, naquele momento, estavam fazendo aquilo que ele sempre pregou, ou seja, estavam contestando o sistema.

Parece óbvio que a autoridade seja necessária para que a vida em sociedade seja possível e para que o indivíduo encontre alguma forma de orientação para a sua existência. Segundo o escritor alemão Goethe: “Um grande homem é um homem ao pé de quem a gente se sente maior”. Essa frase pode ser aplicada ao princípio da autoridade em geral: quando esta é exercida de maneira adequada, traz segurança e maior sensação de liberdade. Mas quando isso não ocorre, seria o caso de lutar pela implantação de uma sociedade sem autoridade alguma e sem regras (anomia)?

Para concluir, parece oportuno lembrar Freud, para quem “é melhor ter um mau pai do que nenhum pai”. Em suma, uma liberdade realizada na flutuação do vazio, sem nenhuma resistência, como que em estado de agravitação, seria vazia e vã. “Uma liberdade de ausência não passaria de uma ausência de liberdade.” (G. Gusdorf) ■



ANISH KAPOOR
Sem Título, 1999
Bronze, 445,5 x 124,7 x 108,5cm



Imprevidência:

Maj.-Brig.-do-Ar Ref.
Othon Chouin Monteiro

Era costume, durante as viagens da Esquadilha da Fumaça, os pilotos se reunirem no local do pernoite na véspera de nossa apresentação para conversarmos, trocarmos idéias, procurando relaxar antes da demonstração que iríamos realizar.

Em uma dessas ocasiões, o Portugal Motta, que havia tirado o curso de pilotagem nos Estados Unidos, começou a falar de suas lembranças daquele tempo. Uma das histórias que mais nos impressionou foi um acidente ocorrido no campo de treinamento que eles utilizavam. O campo tinha uma pista central de concreto e duas pistas paralelas de grama, uma de cada lado da pista principal e que, devido ao grande número de aeronaves em treinamento, eram utilizadas simultaneamente. Os aviões que pousavam na pista da esquerda faziam o tráfego mantendo a pista à sua esquerda, fazendo portanto a curva, para entrada na Final, para a esquerda. Já os aviões

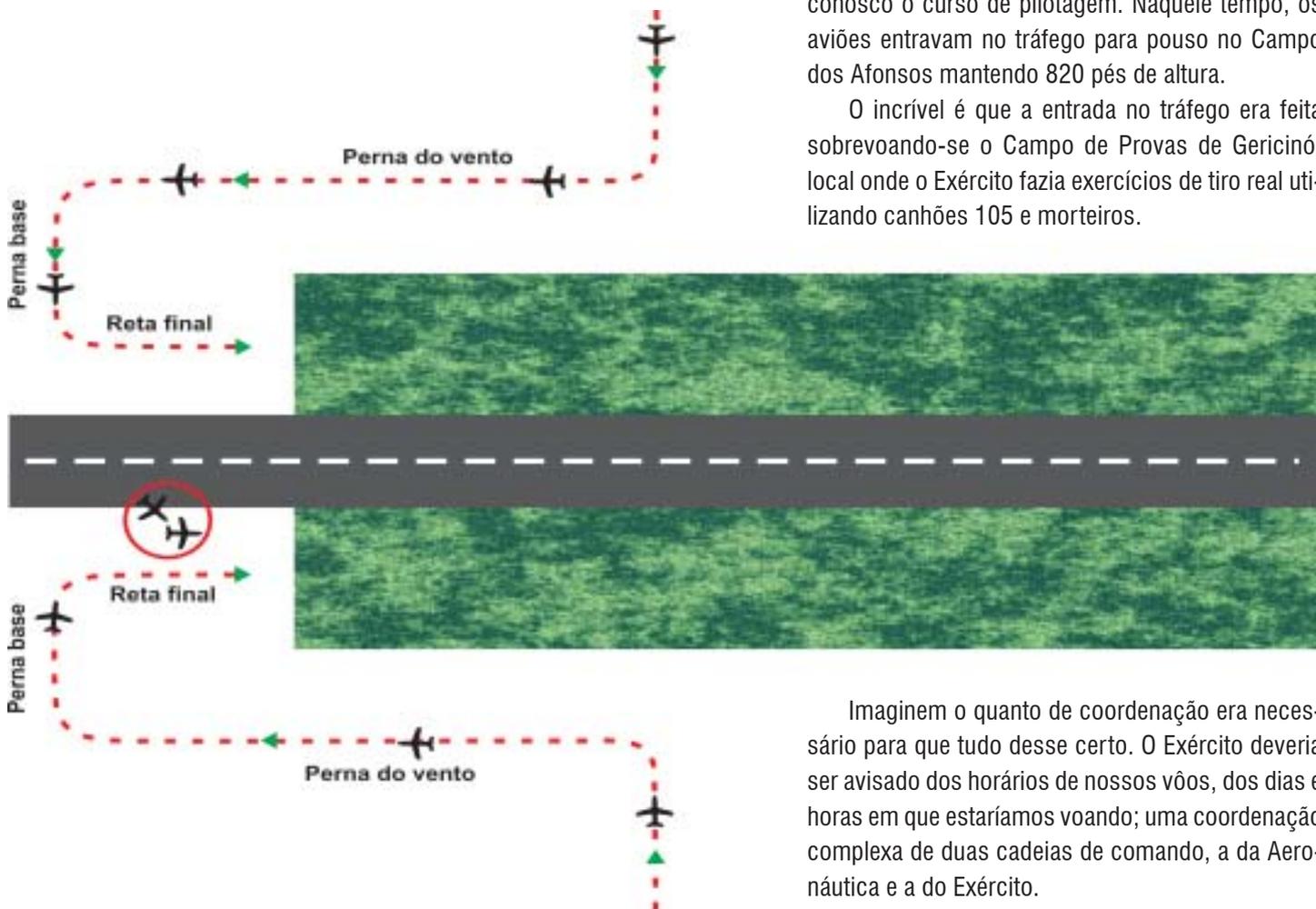
que pousavam na pista da direita, mantinham a pista à sua direita, entrando na Final com uma curva para direita. Esse procedimento implicava que os aviões, quando estavam na Perna-Base, estivessem aproximados uns com os outros, até fazerem a curva para a entrada na Final.

Cadetes iniciantes, começando a voar, cometem erros normais de quem está aprendendo, erros esses que deveriam ser previstos pelos responsáveis.

Aconteceu então o que não deveria acontecer: um dos aviões “*espirrou*” na curva de tomada da Final para pouso na pista da esquerda e colidiu com um outro avião que estava fazendo a tomada para a Final da pista da direita. Resultado: morte dos dois pilotos.

Quando o Portugal estava contando essa história, um dos nossos lembrou o acidente ocorrido em 1953, com o Cadete Paredes, dizendo que nós também não ficávamos atrás. O Paredes era um cadete equatoriano que estava, à época, no Brasil, fazendo conosco o curso de pilotagem. Naquele tempo, os aviões entravam no tráfego para pouso no Campo dos Afonsos mantendo 820 pés de altura.

O incrível é que a entrada no tráfego era feita sobrevoando-se o Campo de Provas de Gericinó, local onde o Exército fazia exercícios de tiro real utilizando canhões 105 e morteiros.



Imaginem o quanto de coordenação era necessário para que tudo desse certo. O Exército deveria ser avisado dos horários de nossos vôos, dos dias e horas em que estaríamos voando; uma coordenação complexa de duas cadeias de comando, a da Aeronáutica e a do Exército.

Acidente

Várias comunicações em diferentes níveis, com grande possibilidade de ruído. O resultado não poderia ser outro. O Cadete Paredes, ao entrar no tráfego, foi atingido por um morteiro em cheio no seu avião. O projétil atingiu o avião quase no cofre que fica atrás do piloto. Quem conhece o PT-19 deve lembrar-se que esse cofre fica a pouco mais de um metro do assento do piloto. O avião partiu-se ao meio, a 250m do solo.

O Paredes, piloto novo, ainda assim conseguiu se desamarrear, saltar e abrir o seu pára-quedas, descendo com segurança. Apesar da pequena distância que existia do assento do Paredes ao local em que o morteiro explodiu, ele só teve pequenos ferimentos nas costas e um outro, maior, em sua nádega, conseqüência de um estilhaço. O seu pára-quedas ficou bastante danificado, com vários furos, mas funcionou perfeitamente.

O Paredes demonstrou muita habilidade na emergência e teve uma sorte fantástica de não ser morto pela explosão.

O Campo de Provas de Gericinó ainda foi usado por alguns anos e, ao que me conste, não houve outro acidente envolvendo aeronaves. O Campo só foi desativado quando o seu paiol explodiu, quase arrasando o bairro de Deodoro, que ficava próximo.

Na ocasião de nossa conversa surgiu a dúvida: qual era a situação mais difícil de entendermos: o esdrúxulo uso de um tráfego no qual os aviões chegavam a voar em rumos opostos quando estavam na Perna-Base, ou o sobrevôo rotineiro de uma área em que se realizavam exercícios de tiro real?

Lembro-me de que ficamos na dúvida, sem chegarmos a um acordo ■



Em 1955, o então Cadete Jaeckel colaborava com seus desenhos na revista Esquadrilha da Escola de Aeronáutica. Com sua sensibilidade e apurada técnica, ele retratou com felicidade esse incrível acidente

Jaeckel



Meu Joel

Cad.-Av. 4670

Para começar, diria que não sou “*católico*”, embora minha mãe me tenha batizado e eu tenha me casado na Igreja Católica, além de todos os meus filhos serem católicos. Por outro lado, também não sou “*espírita*”, embora acredite que o “*Espírito*” existe através das lembranças, da admiração e da saudade das pessoas que amamos ou admiramos.

Isto posto vou tentar mandar uma mensagem para o “*MEU AMIGO Joel*”, seus familiares, amigos e aqueles que o conheceram.

Antes de tudo, diria que o Joel sempre se caracterizou pelo seu senso de humor. Em meu convívio com ele (meu companheiro de quarto durante cinco anos, em Santa Cruz, como piloto de Caça), presenciei algumas tiradas humorísticas que, sem dúvida, marcaram sempre seu senso de oportunismo com humor.

Apenas para citar algumas, enumerei quatro a que assisti pessoalmente:

1. Ao nos apresentarmos em Santa Cruz, no dia 16 de fevereiro de 1950, éramos 15 aspirantes recém-classificados para sermos selecionados como pilotos de caça.

Fomos recebidos pelo Cel.-Av. Lafayette (Herói do 1º Grupo de Caça) e entramos em forma, um ao lado do outro para a apresentação pessoal pelo nome. Éramos 15, (a saber): 1 - Araújo; 2 - Miranda da Costa; 3 - Dantas; 4 - Dário; 5 - Joel Miranda; 6 - Piva; 7 - Picolli; 8 - Treptow; 9 - Oto; 10 - Varejão; 11 - Roy; 12 - Gonzaga; 13 - Hartz; 14 - Mello; 15 - Tancredo.

Em breves palavras, o Cel. Lafayette deu boas-vindas aos novos aspirantes e nos felicitou por saber que aquela era a primeira turma voluntária para servir na Caça.

Em seguida, cumprimentando cada um, perguntava o nome e se realmente era voluntário. Quando chegou a vez do Piva, após sua apresentação, informou que não havia sido selecionado para a Caça, mas que queria ser caçador. Mais adiante, ao cumprimentar Varejão, este informou que não era voluntário, mas estava pronto para o serviço. Finalmente, chegou a vez do Joel, que falou seu nome completo:

– Aspirante Joel de Miranda!

Imediatamente, o Cel. Lafayette, vibrando, perguntou:

– És filho do Cel. Joel Miranda, do Grupo de Caça?

Joel simplesmente respondeu:

– Não.

Voltando a perguntar se era parente do Cel. Joel Miranda, ainda apertando a sua mão, mais uma vez o Joel respondeu que não. Insistindo, o Cel. Lafayette perguntou:

– Você não é nada do Cel. Joel Miranda?

Ao que o Joel respondeu:

– Sou.

E, ainda apertando sua mão, o Cel. perguntou:

– O quê?

A resposta veio imediata:

– Xará.

2. Outra passagem do meu amigo Joel foi uma noite no Cassino dos Oficiais em que o Ten. Napoleão Meirelles dirigiu-se aos novos aspirantes para entabular um papo, quando o Joel perguntou:

– Você não costuma prender ninguém, não é verdade?

Ao que o Meirelles respondeu:

– Não, por quê?

Completando, Joel respondeu:

– Você é Napoleão, mas não é BOM NA PARTE.



Amigo de Miranda

Joaquim Dário d'Oliveira
Cel.-Av.

Cel.-Av.

3. No dia em que o Joel era Oficial de Operações, o Comandante da Base (que, diga-se de passagem, era muito gordo) mandou chamá-lo, pedindo que este providenciasse a preparação do Fairchild Asa Alta, para ele ir para o Rio de Janeiro. O Joel respondeu que o avião estava em pane. Imediatamente, o Comandante disse para ele preparar um Asa Baixa, ao que o Joel respondeu:

– E o senhor cabe?

4. Outra história do Joel foi quando o Melinho achou um pente com os dentes quebrados e, por brincadeira, quebrou os restantes, ficando apenas o primeiro e o último. Em seguida, como o Comandante da Base era o Cel. Pamplona (herói do 1º GpCa), que era calvo e concorria ao vôo do nosso Esquadrão, colocou no lugar da chapinha do número do avião, o referido pente sem dentes. Na hora da chamada dos pilotos na Sala do Briefing, entra na Sala,

inesperadamente o Comandante da Base que, vendo a brincadeira no quadro, imediatamente falou:

– Cadê o Joel?

Este, levantando-se em posição de sentido, respondeu:

– Comandante, desta vez não fui eu.

Para finalizar, quero lembrar para aqueles que não conheceram o Joel, que embora ele se caracterizasse pelo espírito alegre, sempre foi um excelente oficial, com várias passagens importantes na FAB, tendo-se destacado como o “confirem” do avião Búfalo no Canadá, considerado um dos melhores recebimentos na compra de aviões para a FAB, caracterizando o fato de os aviões estarem voando até hoje.

Outro fato marcante em sua vida foi o casamento feliz com a Emília, gerando seus filhos, Luiz Henrique e Heloisa; a nora Beatriz e os netos Lucas e João, além de todos que formaram sua família ■



Da esquerda para a direita: Dantas; Varejão; Mello; Piva; agachado: Dário; e, finalmente, Joel. Ao fundo nossa barraca, com um distintivo bolado pelo Joel e pintado pelo Dantas com o título “Barraca das Hienas”. Isto porque se dizia que a hiena come as próprias fezes; só tem relações uma vez no ano e vive rindo.



Mau Hálito

Uma abordagem objetiva

*Maj.-Brig.-Méd.
Dr. Ricardo Luiz
de G. Germano*

Considerações Iniciais

O mau hálito, conhecido tecnicamente como halitose, ocorre quando temos o ar eliminado pelo nariz e/ou boca com um odor desagradável. Trata-se de um problema que causa constrangimento, podendo chegar a desajuste psicossocial. Sua ocorrência é bastante freqüente.

Causas

Dentre as condições que podem levar à halitose, temos:

– **Problemas Odontológicos e de Estomato-**

logia: alterações patológicas de dentes, gengivas, mucosa bucal ou língua;

– **Problemas na área de Otorrinolaringologia (ORL):** alterações patológicas de amídalas, adenóides, faringe, laringe, nariz, seios acessórios às fossas nasais e ouvidos;

– **Problemas na área de Pneumologia e Cirurgia Torácica:** algumas patologias crônicas da árvore traqueobrônquica;

– **Problemas na área de Gastroenterologia:** certas doenças crônicas de esôfago e estômago;

– **Fumo (tabagismo):** o fumo contribui por si



para a halitose. Por outro lado, é fator predisponente para patologias de boca, faringe, laringe, árvore traqueobrônquica, parênquima pulmonar, fossas nasais, seios acessórios, esôfago e estômago;

– **Etilismo (alcooolismo):** é outro contribuinte por si para a halitose. Também é fator predisponente para patologias de boca, faringe, esôfago, estômago e fígado;

– **Insuficiência renal grave:** a insuficiência renal nos estágios IV e V (grave e final) vem acompanhada do “*hálito urêmico*” (cheiro de urina desdobrada);

– **Insuficiência hepática grave:** a insuficiência

hepática grave quer aguda ou crônica costuma ser acompanhada do “*fetur hepaticus*”;

– **Medicamentos:** alguns medicamentos podem ter como efeito colateral a alteração do hálito;

– **Alimentos:** certos alimentos (cebola, por exemplo) alteram o hálito de modo significativo. Porém, essas alterações são de pequena duração, após cessar a causa.

Abordagem Diagnóstica, Tratamento e Prevenção

– **Diagnóstico:** ao tomar ciência de ser portador de halitose, o paciente deverá, de preferência, procurar um clínico geral que fará uma triagem, para ter o diagnóstico correto da causa, considerando cada uma delas, citadas no item anterior. Muitas vezes, mais de uma causa estão presentes (exemplo: tabagismo associado a problema periodôntico). Embora um generalista seja a melhor opção na avaliação inicial, em determinados casos, a presença de sinais marcantes orienta o portador da halitose a procurar diretamente um especialista. Exemplos:

1) a presença de sangramento gengival e sensibilidade exacerbada associados a halitose, orienta a procura da odontologia;

2) a presença de secreção descendo pela parede posterior da faringe (garganta) acompanhada de mau gosto e halitose, aponta para a otorrinolaringologia.

– **Tratamento:** achadas a causa única ou as causas que levam à halitose, após a triagem devidamente realizada, o paciente é encaminhado ao especialista envolvido com a mesma. Medidas terapêuticas específicas dessas especialidades serão tomadas e a suspensão do tabagismo, do etilismo, de medicações e de alimentos relacionados com a perturbação do hálito deverá ser considerada.

– **Prevenção:** entre as medidas preventivas, é importante o “*check-up*” periódico de saúde, incluindo a avaliação odontológica e otorrinolaringológica. É importante, também, a higienização bucal correta, com uso de fio dental e escovação dos dentes do ângulo da gengiva com os dentes e da língua. Nos portadores de próteses removíveis, as mesmas devem ser retiradas para uma higienização correta. Naqueles portadores de próteses fixas ou aparelhos ortodônticos fixos as escovas interdentais deverão ser usadas para uma boa higienização. O antitabagismo (antifumo) e a moderação na bebida alcoólica devem ser recomendados.

Considerações Finais

Espero que nosso leitor tenha entendido e fixado os conceitos e orientações aqui decorridos, no sentido de usá-los na obtenção de melhor nível de saúde ■



ARNULF RAINER,
Self-Burial or
Christ-Pain,
Christ-Joy,
248 x 141cm



Um Conto





de Natal

Ten.-Brig.-do-Ar
Sergio Pedro Bambini

O Natal de 1982 estava fadado a ser um Natal diferente.

Poucos dias antes, no dia 20, eu fora chamado ao Hospital de Canoas (HACO), pelo Ten.-Cel.-Méd. LORENZINI. Ele estava preocupado com meu sinal de nascença, um “*nevus azul*”, em forma de triângulo invertido, localizado na região frontal de meu rosto. Devido a um caso havido no hospital, decidi operar-me imediatamente para a remoção do tal sinal, um melanoma em potencial. Assim, no dia 24 de dezembro, véspera de Natal, estava em casa, na Base Aérea de Florianópolis (BAFL), onde era o Comandante do Grupo de Serviços de Base, com a cabeça toda enfaixada.

O dia aproximava-se de seu final quando começaram a aparecer notícias de que, em Itajaí, numa festa de casamento, muitas pessoas haviam sido intoxicadas por maionese contaminada. Havia sondagens sobre a possibilidade de cessão de uma aeronave para o atendimento dos casos mais críticos se estes se agravassem. Orientamos para procurarem o SALVAERO, órgão encarregado de coordenar tais ações. A aeronave administrativa da BAFL era um Sêneca II, e as operacionais do 2º/7º GAv eram os P-95. Todas inadequadas para missões de evacuação aeromédica.

À tardinha, fui à missa com toda a minha família. Padre Genésio, Capelão da Base, agradeceu a Deus pelas bênçãos alcançadas durante o ano. Fora um ano bom. Com a ativação do 2º/7º GAv – Esquadrão Phoenix – a Base recobrou sua razão de existir. Renascera.

Ao chegar em casa, após a missa, o Comandante da Base Aérea, Cel.-Av. MARIO LOTT GUIMARÃES, encarregou-me de coordenar a missão de apoio aos doentes de Itajaí. Havia pessoas muito mal e necessitavam ser evacuadas, imediatamente, para São Paulo. O Cel. LOTT assumiu a responsabilidade e determinou o cumprimento da missão com um dos P-95 do Esquadrão, mesmo sem a autorização do Comando Operacional.

Pela própria natureza da missão do 2º/7º GAv – Patrulha – não havia tripulações de sobreaviso para atendimento SAR. Acionei o Esquadrão para

preparar uma aeronave e fui atrás de pilotos. Eram quase nove horas da noite. Da noite de Natal. As famílias, em sua maioria, estavam reunidas em festa.

Liguei para a residência do Maj.-Av. NARIÑO ORTIGA, ex-integrante do 2º/10º GAv – Esquadrão SAR – e perguntei-lhe como estava o seu “*espírito SAR*”. Disse-me estar disponível, embora já estivesse comemorando o Natal.

Não encontrei outro piloto e escalei-me. No entorno das vinte e duas horas, decolamos para Navegantes. Tripulávamos o P-95 7061, o Maj. ORTIGA, eu e o 3S QAV PAULO HENRIQUE BODNAR.

Após vinte minutos de vôo, pousamos em Navegantes, onde já nos aguardavam os pacientes, um médico e muitos familiares.

Rapidamente, embarcamos as vítimas, que foram acomodadas no piso da aeronave, pela total impossibilidade de colocarmos macas entre os equipamentos. O médico que embarcou era o Dr. MAURO MACHADO. Decolamos para São Paulo. Pilotei nessa etapa.

No entorno das duas horas da manhã do dia 25 de dezembro, pousamos no Aeroporto de Congonhas, em São Paulo. O SALVAERO fizera sua parte e havia duas ambulâncias, médicos e enfermeiros nos aguardando. Sem perda de tempo, os enfermos foram transferidos para as ambulâncias e levados para o Hospital das Clínicas.

Reabastecemos a aeronave e decolamos para Florianópolis. O Maj. ORTIGA pilotou na etapa de regresso.

Ao amanhecer, pousamos em Florianópolis cansados, porém com a maravilhosa sensação de haver realizado nossa parte na tentativa de salvar duas vidas.

Rimos muito, após o pouso, lembrando a expressão de espanto do médico que entrou na aeronave, em São Paulo, para receber os doentes, e se deparou com a figura do piloto, em sua posição de comando, com a cabeça toda enfaixada, fato que eu esquecera completamente no afã de cumprir a missão.

Foi uma bela noite de Natal ■

Jardim

Anna Guasque
Escritora

O abraço dos seres nem sempre é sincero ou natural. O enlaçar dos galhos das árvores, os toques das ramas ao ar, são sempre o embalo verdadeiro da natureza.

O beijo humano é social ou provocado pelo desejo, tentando chegar ao amor. O beija-flor é a fonte da ternura que empresta às cores das flores, o contato mais puro.

As mãos entrelaçadas, muitas vezes, não levam à sinceridade. Há de permeio, situações convenientes. A verdejança que cobre as montanhas esconde os galhos envolvidos nas retorcidas ânsias de acalantar a evolução da natureza.

O sorriso das pessoas oculta fingimentos, quando se faz necessário usar atitudes hipócritas nas diversas constatações que percebemos na parte egoísta da sociedade.

As floradas multicores são a primorosa resposta à alegria verdadeira do projeto criador.

O sonhar dos românticos termina de encontro com a realidade. As flores vivem o ciclo que lhes cabe, quando a rosa encanta e se sublima no brotar de um novo botão. Ela exala de si um pouco do eterno, no perfume e na renovação. A rosa é sempre ela mesma.

Os seres quase nunca são verídicos, porque aprenderam a simular e a dissimular. O homem mata e disso fez esporte. Os animais buscam, apenas, sobreviver.

O devaneio pertence aos poetas. A brisa brinda toda a Humanidade no simbolismo da refrescante paz. Ver flores brotarem nos jardins é poesia em fusão de cores.

Em todos os feitos da criação, há contrastes abissais. A enxurrada, responde revoltada, ao desmatamento que a mão do ambicioso fez injuriar a terra.

As águas límpidas do bom riacho suplicam aos humanos que lhes poupem a vida. As fábricas mal utilizadas poluem criminosamente essa pureza.

O cérebro humano arquiteta e cria, mas nem sempre com harmonia. Os povoados, as cidades grandes sentiram necessidade de criar jardins entre

O Regaço das Flores

o cimento. Os matagais viraram, então, belas praças ajardinadas. Um coreto bem no meio era o palco das bandas, onde a música se unia ao aroma das flores, no lazer das pessoas.

Os jardins das casas eram exuberantes e tratados com carinho. Eles representavam a condição social, maior ou menor, dos habitantes das moradias simples e os das mansões. O tempo ia descobrindo novas formas de morar, surgindo, então, os apartamentos, e a isso chamaram de progresso.

No agora desses tempos, o que nos resta é o protesto ecológico. Unem-se as pessoas de boa-vontade para lutar pela conservação dos jardins nas praças.

A palavra jardim tornou-se o simbolismo da esperança, da felicidade. Os augúrios se traduzem na expressão “que a tua vida seja um jardim de cores”, ou no bíblico “jardim do Éden” e em outras utilidades do poder do vocábulo jardim.

A esperança nos sorri quando os grupos de conscientização ecológica se unem nos jardins para festejar a primavera. Ali cabe estarem presentes os poetas, os simples, os de agudeza intelectual, para bradar aos tempos modernos a função da natureza.

Percorrer os jardins cantando ou poetando, é a mensagem que pede proliferação dos recantos, onde o verde e o aroma possam acomodar-se entre os seres. Torna-se urgente que as comunidades cooperem em sua organização e lembrem aos políticos a utilidade dos jardins nas cidades.

O oxigênio reclama e promete, onde houver verde entre as árvores e os arbustos, ele encherá de vida os habitantes do Planeta.

Os jardins serão, então, o palco dos sentimentos, a amostra viva da confraternização.

A renovação que almejamos para as novas gerações encontrará o nosso abraço, o acenar de nossa lembrança em cada rama, galho ou flores embaladas ao ar. Ele, o oxigênio que renova as vidas, estará mais puro.

Saudemos os jardins, que nos proporcionam as braçadas de flores que nos enfeitam o regaço ■



COOSJE VAN BRUGGEN e
CLAES OLDENBURG
Balancing Tools, 1984



Walter Miglorância Filho
Cel.-Int.

Turma Agora Vai

“O destino faz os parentes; a escolha, os amigos.” Delile

A história da Turma **Agora Vai** tem início em 8 de março de 1962, quando 128 jovens, oriundos de todas as partes do país e movidos por muitos sonhos e muita esperança, desembarcaram na Escola Preparatória de Cadetes do Ar (EPCAR).

Àquele “punhado de amigos” juntaram-se outros em 1964 e 1965, na própria EPCAR e nos Afonsos, respectivamente. Os desafios ganharam corpo, principalmente os concernentes ao voo e à época em que começaria – ora falava-se em 1964, ora 1965, ora...; daí o nome da turma, circunstancial por excelência: **Agora Vai**.

E foi, e foi em 1967, e foi difícil!

Em 30 de julho daquele ano, domingo ensolarado, Base Aérea do Galeão, uma parte da turma – isso mesmo, uma parte, já que a **Agora Vai** foi dividida em duas para fins de instrução primária - decolava para Pirassununga a bordo do C-130 2450, aeronave incorporada à FAB havia pouco tempo.

A chegada em Pira foi marcante. O cenário que se descortinava era animador: três pistas (uma pavimentada, uma de terra e uma de grama, todas 01 - 19), muitas aeronaves no pátio, instalações rústicas, mas confortáveis. Enfim, uma Unidade Aérea.

O voo teve início em 2 de agosto, e o equipamento era o Fokker T-21, “aeronave de trem não-escamoteável, passo fixo, motor de 125 hp”. Como era problemático lidar com o T-21 no pouso e na decolagem! A

bequilha ficava na cauda, e até os “ases”, não raro, se apuravam.

No final de setembro, o revezamento: a turma que ficara nos Afonsos veio para Pira a bordo de um C-82 e de um C-47, e os daqui para lá retornaram. Houve, a partir de então e até o primeiro quadrimestre de 68, muitas defecções, o que explica o fato de a **Agora Vai** ter formado praticamente o mesmo número de Oficiais Aviadores e de Intendência.

O voo, na fase avançada, foi feito em Pira, no NA T-6 de saudosíssima memória. Os cadetes intendentes permaneceram nos Afonsos, cursando subespecialidades recém-criadas: Estatística, Suprimento e Subsistência. Três turmas, cada uma com 25 cadetes em média.

Em 31 de maio de 68, os aviadores foram declarados Aspirantes-a-Oficial e nessa condição, durante o mês de junho, cumpriram a última fase do curso na Base Aérea de Santa Cruz, onde fizeram adaptação noturna e voo de formatura. Em 22 de novembro, ocorreu a declaração dos intendentes, dando prosseguimento à saga da **Agora Vai**, que perdura até os dias atuais.

A turma teve, em quarenta e cinco anos de história, oficiais que ajudaram a elevar o nome do Brasil e da FAB. Houve, também, companheiros que, por várias razões, partiram para as atividades civis e que igualmente participaram do desenvolvimento do nosso país. São motivo de orgulho.

A **Agora Vai** contribuiu para o engrandecimento da Força, e alguns de seus

membros tiveram a ventura de servir nesta Academia e lidar diretamente com os cadetes. Destes, nominaremos três que, com certeza, verão nesta distinção uma homenagem à turma, considerados também os que não prosseguiram na carreira, por razões diversas, ou que já se foram e estão a compor “uma esquadrilha, um punhado de amigos” em outras hostes, por propósito de Deus. Assim, entre os oficiais que aqui serviram, a **Agora Vai** é representada pelo Brigadeiro-do-Ar Porto, pelo Major-Brigadeiro-do-Ar Sanchez e pelo Tenente-Brigadeiro-do-Ar Britto.

Além do Ten.-Brig. Britto, atual Comandante do COMGAP, a **Agora Vai** tem/teve, como membros do Alto Comando, o Ten.-Brig. Dieguez, atual Secretário de Economia e Finanças da Aeronáutica, e o Ten.-Brig. Velloso, um dos expoentes da área de Pesquisas e Desenvolvimento, promovido aos arcanos em meados deste ano.

Como nada acontece por acaso ou em vão, os nossos quatro-estrelas representam os segmentos que convergiram para a **Agora Vai** definitiva: Britto, aluno 62-61; Dieguez, aluno 63-11, que ingressou na turma em 64, através de concurso, e Velloso, cadete 65-142.

A história da turma é longa, e o seu legado é rico. A **Agora Vai** orgulha-se de abrigar em seu seio, desde 1962, **parentes** - irmãos forjados pela vida - e **amigos** - nascidos a partir dos designios do coração.

Pira, 17 de novembro de 2006 ■

Lambida de Onça

Jonas Alves Corrêa
Cel.-Av.

O Tenente Ivo era Especialista em Avião. Foi um bom oficial, tinha um jeito calmo e nunca se afofava. Era um crioulo autêntico.

Um dia, ele foi escalado para uma missão em Manaus e ficou alojado no Centro de Instrução de Guerra na Selva (CIGS).

A mascote do Centro era uma onça pintada chamada CIGS. Era mansa e vivia solta na Unidade. Quem não estava acostumado com ela ficava receoso de sua aproximação. O Ivo era um deles.

Nesse dia, o Ivo foi tomar banho no banheiro coletivo e, quando estava todo ensaboado, levou um tremendo susto. Alguém tinha lambido seu traseiro.

Ficou indignado com aquele ato inusitado e sua indignação virou pavor quando viu a onça na sua frente. Daí, ela miou e foi-se embora.

Tinha sido ela a autora da façanha. Depois disso, o Ivo entrou para o livro dos recordes: FOI O PRIMEIRO OFICIAL DA FAB A GANHAR UMA LAMBIDA DE ONÇA ■



Ilustração de Ivo Batalha - Cel.-Av.



Ilustração de Ivo Batalha - Cel. -Av.